

*Pauline Loui Soares de Sousa*  

---

*Visconde do Uruguay.*

*Est. d'Acad. Real B.A. de L.*

# O VISCONDE DO URUGUAY

(Eshoco biographico)

I



sr. Paulino José Soares de Sousa, 1.º visconde do Uruguay com honras de grande no imperio do Brasil; senador e conselheiro d'estado ordinario; desembargador aposentado; ministro e secretario d'estado em diversas épocas e em diferentes repartições; gran-cruz da ordem imperial da Rosa, e de varias outras nacionaes e estrangeiras, como adiante se dirá; nasceu em Paris a

4 de outubro de 1807. Ahi residiam por esse tempo seus pais, o dr. José

Antonio Soares de Sousa, e D. Antonia Gabriela Magdalena Soares de Sousa, aquelle natural de Paracatù, na provincia de Minas-geraes, do então estado do Brasil; e esta de nação franceza, e nascida na propria cidade de Paris.

Motivos que ignoramos determinaram a vinda de seu pae para Lisboa, trazendo-o consigo ainda na primeira infancia. Passando algum tempo depois em companhia do mes-

mo para o Maranhão, ahi começou e continuou o tirocinio escholár, proprio da carreira das lettras, para que o destinavam as tradições de familia, e a sua natural vocação.

Romperam-se entretanto os laços que prendiam o Brasil á metropole. Não obstante o tal qual incremento que, a favor da residencia da cõrte no Rio de Janeiro, haviam no periodo immediato tomado n'aquelles estados varios ramos do ensino publico, mediante a fundação de algumas aulas e estabelecimentos scientificos e litterarios, carecia comtudo o nascente imperio dos elementos da instrucção superior, em faculdades ou academias, que só depois e successivamente vieram a organizar-se. O Brasil continuou, pois, ainda por alguns annos apoz a sua emancipação politica, a depender da Europa no que dizia respeito á cultura intellectual de seus filhos, que tinham de transpôr o Atlantico, sempre que se propunham completar a educação scientifica, tal como a haviam mister.

Foi n'essa conformidade que o sr. Paulino, entrado na adolescencia, e pretendendo habilitar-se para a profissão forense, ou da magistratura, passou a Portugal com o fim de graduar-se em leis na universidade de Coimbra.

Matriculou-se effectivamente no curso juridico em outubro de 1824. Proseguindo n'este e nos seguintes, chegara ao quarto anno, e achava-se prestes a fazer acto e tomar o grau de bacharel no de 1828, quando os transtornos politicos do paiz lhe tolheram a consummação dos seus designios. Rebentara a revolução, que abolindo as instituições juradas, proclamou rei *absoluto* de Portugal o sr. D. Miguel de Bragança; e como consequencia necessaria d'esse facto, e das crises que se lhe seguiram, não tardou em apparecer o decreto pelo qual se mandavam suspender os exercicios lectivos, e fechar as portas da universidade, tida na sua maioria por adversa á nova ordem de cousas então inaugurada.

O sr. Paulino, com o discernimento e circumspecção tantas vezes manifestados nos actos da sua longa carreira publica, abstivera-se de tomar parte activa nas dissensões internas do paiz em que vivia como hospede temporario. Subdito de uma potencia livre, e creado entre as aspirações das doutrinas liberaes, faria provavelmente votos para que triumphasse a causa, que por todos os titulos devia considerar como legitima: porém não julgara que na sua qualidade de estrangeiro lhe cumprisse seguir o exemplo de outros seus patricios e collegas, que voluntariamente tomaram armas para sustental-a, alistando-se como elles no batalhão academico, e acompanhando-os na re-

tirada para Hespanha, a que se viram forçados no desfecho da lucta, perdidas de todo as esperanças, e mallograda a reacção que a favor da Carta se tentara no Porto em maio do referido anno.

Esta abstenção, comtudo, não bastou para exemptal-o das perseguições dos vencedores. Preso, e lançado em ferros, teve de jazer por algum tempo nas enxovias da cadéa da universidade, para ahi expiar, não crimes commettidos, mas a divergencia de opiniões; que n'estas épochas procellosas é sempre qualificada como tal pelos bandos triumphantes. A innocencia do seu procedimento, mais poderosa que a má vontade dos que desejavam perdê-lo, conseguiu em fim restituir-lhe a liberdade, de que fôra tão injustamente privado.

Apenas franqueadas as portas da prisão, o mancebo estudante deu-se pressa em fugir a novos, e por ventura mais graves perigos. Abandonou para logo a terra inhospitaleira, que lhe negava em tal conjunctura agasalho e segurança, e entregou-se outra vez aos mares em demanda da casa paterna, para ahi refocilar-se dos trabalhos passados, e receber nos abraços carinhosos da familia o consolo efficaç de que necessitava.

## II

Por decreto imperial de 11 de agosto de 1827 fôra entretanto creada na capital da provincia de S. Paulo uma faculdade juridica, que desde a sua inauguração realisada no 1.º de março seguinte começara a ser frequentada pela mocidade brasileira, que pretendia iniciar-se nos estudos do direito. O sr. Paulino determinou-se a concluir n'ella a sua interrompida formatura. Não desmereceu ahi n'um apice do credito que alcançara em Coimbra durante o seu quarto anno, sendo geralmente conceituado como um dos melhores alumnos do curso. E pede a verdade que se note, que nos annos anteriores não passara de estudante mediocrè, por dar-se de preferencia, e quasi exclusivamente, á poesia (fazia versos!) e á litteratura: porém o elogio acompanhado de amigaveis conselhos, com que por occasião de uma lição o incitara um dos seus mais distinctos lentes, transformara-o completamente, fazendo que se desviasse dos objectos da sua predilecção.

O futuro politico, administrador e diplomata brasileiro cifrava por então em pouco a sua expectativa. Limitava-se unicamente a seguir a carreira da magistratura. E com effeito, apenas obtida a formatura em 1831, deveu ao bom conceito que d'elle for-

mavam o regente José da Costa Carvalho (depois marquez de Montalegre), e o ministro da justiça padre Feijó, que o conheciam de S. Paulo, o seu prompto despacho para juiz de fóra d'essa mesma cidade, onde passou pouco depois a servir o logar de ouvidor da comarca.

Votado inteiramente ao desempenho dos seus deveres, o novo magistrado não poupou diligencias e esforços para corresponder ao que d'elle se esperava. O seu expediente rapido e acertado; a imparcialidade e rectidão com que administrava justiça; a cortezia e affabilidade com que a todos tratava, sem quebra da gravidade e sisudeza proprias do cargo; taes e tão distinctas qualidades não podiam deixar de acarear-lhe as sympathias publicas nos oito mezes que alli permaneceu. Como juiz relator da junta de justiça, então tribunal criminal em toda a provincia, não foi menos solícito em limpar as prisões, preparando e promovendo a expedição de numerosos processos, e apressando o julgamento dos miseraveis réos, que n'ellas estavam esquecidos e amontoados por falta de meios.

Como vagasse entretanto na côrte o logar de juiz do crime do bairro de S. José, o ministro que então era da justiça Honorio Hermeto Carneiro Leão (condecorado mais tarde com o titulo de marquez de Paraná) justo apreciador dos meritos do sr. Paulino, a quem conhecia de Coimbra, quiz aproveitar de mais perto os seus bons serviços nomeando-o para o dito logar. Commetteu-lhe ao mesmo tempo o importante e trabalhoso expediente da intendencia geral da policia, e encarregou-o interinamente da conservatoria dos inglezes, cargo que sempre fóra conferido a magistrados provecos. Extinctos esses logares pelo codigo do processo, passou então a servir a segunda vara do civil da côrte, em cujo exercicio continuou a manter os creditos, de que como magistrado já gozava.

Relações de intimidade contrahidas entre elle e o celebre Evaristo Ferreira da Veiga, levaram esse jornalista distincto (que tamanha preponderancia e influencia exercia nos negocios politicos do tempo, como um dos chefes do partido moderado) a incluir o seu nome na lista que organisou para deputados á primeira assembléa provincial do Rio de Janeiro, e que o foi incontestavelmente em mais de um sentido. Essa lista obteve completo triumpho; e o sr. Paulino, que se conservava até então estranho aos bandos e agitações politicas, viu-se, sem o que ambicionasse, collocado no primeiro degrau da nova carreira em que os seus talentos lhe destinavam um futuro tão brilhante.

## III

Tomando assento na assembléa, o sr. Paulino recebeu para logo testemunhos não equivocados da consideração e estima de seus collegas, que se apressaram a contemplá-lo na lista dos escolhidos para o cargo de vice-presidente da provincia. Na effectividade das funcções, em que entrou pouco depois, distinguio-se de sorte que, vagando a presidencia em virtude da exoneração concedida ao que então servia, coube-lhe a honra de ser nomeado presidente, por carta imperial referendada em 1835 pelo regente Feijó.

Dando-se execução no anno seguinte á lei, que augmentara com mais dois membros na camara legislativa o numero de deputados por aquella provincia; foi o sr. Paulino eleito por ella seu representante, e votado com grande maioria para um d'esses logares. Successivamente reeleito nas seguintes legislaturas, só deixou de representá-la na camara temporaria, quando na sessão de 1849 os votos reiterados da mesma provincia, confirmados em fim pela escolha imperial, o elevaram ás cadeiras do senado.

Ao entrar no seio da representação nacional, dividida então em diversas parcialidades, que symbolisavam, como de costume, as idéas e opiniões encontradas que tão acaloradamente se debaliam no paiz nos annos tormentosos e difficeis, que mediaram entre a abdicção do primeiro imperador e a declaração da maioridade de seu augusto filho, o sr. Paulino aggregou-se ao partido politico, em cujas fileiras permaneceu sempre, e que tinha n'esse tempo á sua frente dois homens, mais que muito notaveis na historia contemporanea do Brasil — Bernardo Pereira de Vasconcellos, e o futuro marquez de Paraná. E com tamanha dedicação e lealdade o serviu, que ao cabo de dois annos, no de 1840, passou a ser tambem reconhecido, sem contestação, como um dos chefes d'esse partido.

No primeiro anno do seu tirocinio parlamentar poucas vezes tomou a palavra, fugindo de envolver-se em discussões puramente politicas. Tornou-se porém notavel como relator da commissão encarregada do projecto de interpretação do acto adicional, cujos artigos sustentou quasi só, em brilhantes e concludentes discursos, conseguindo que o mesmo projecto passasse sem alteração alguma.

Por occasião da abertura das camaras em 1840, a situação dos negocios internos do paiz assumira um aspecto cada vez

mais grave e complicado. A força moral do regente nomeado por virtude do acto adicional achava-se muito combatida, ou pouco menos que anniquilada. A um ministerio energico e vigoroso, qual o de 19 de setembro de 1837, apoiado por uma numerosa, compacta e decidida maioria dos corpos parlamentares, tinham succedido outros ministerios fracos e sem prestigio, com maiorias igualmente debéis e vacillantes. O partido opposicionista aproveitou-se d'essa fraqueza para apressar a declaração da maioridade do imperador, procurando antecipal-a á época em que deviam legalmente expirar as funcções do regente, na esperança de que assim lhe passaria, como de facto passou, para as mãos a direcção dos negocios.

Foi n'esta conjunctura que, cedendo ao convite de seus amigos politicos, e principalmente ás instancias do deputado Carneiro Leão, um dos que mais influiram na organisação do novo ministerio formado em 23 de maio de 1840, que o sr. Paulino se prestou a acceitar a pasta da justiça. Era porém mui tarde para dissipar a tempestade, prestes a desenvolver-se com toda a sua furia contra o poder regencial. Esse ministerio, apesar de reforçado em 22 de julho com a entrada do senador Bernardo Pereira de Vasconcellos para a pasta do imperio, não teve força para realisar o addiamento das camaras, que decretara, e caiu em 23 de julho, perante a proclamação feita revolucionariamente da maioridade do imperador, assumindo o sr. D. Pedro II as redeas do governo antes do praso marcado na constituição.

A queda d'este ministerio, a lucta que a precedeu, e a das eleições subsequentes, lançaram decididamente o sr. Paulino na arena dos partidos politicos. Tomou parte activa e efficacissima n'essas eleições, que ficaram sendo denominadas do *cacete*, em razão das violencias que para vencel-as se empregaram por parte dos ministeriaes: e em resultado de uma lucta mui renhida, obteve a opposição, dirigida com acerto e firmeza, incluir na lista dos dez deputados pertencentes ao Rio de Janeiro seis dos seus mais conspicuos candidatos, em cujo numero entrava o sr. Paulino.

#### IV

O ministerio que subira com a maioridade, não teve forças para resistir aos ataques mortiferos contra elle dirigidos por habeis e valentes adversarios. Ao cabo de oito mezes de existencia, viu-se obrigado a resignar o poder. D'ahi resultou a formação do de 23 de março de 1841, no qual entraram dis-

tincltas capacidades brasileiras, não podendo deixar de serem considerados taes, dos fallecidos o marquez de Paranaguá, o visconde de Sepitiba e José Clemente Pereira — e dos que hoje vivem os srs. marquez de Abrantes, visconde de Sapucahy, e visconde do Uruguay, ainda então conhecido pelo nome de Paulino José Soares de Sousa.

Tocou ao ultimo a pasta da justiça, e com ella a oportunidade para prestar ao seu paiz novos e avantajados serviços. Distinguiu-se nas discussões parlamentares da lei de 3 de dezembro de 1841, para cuja adopção muito contribuiu; e desempenhou as obrigações de ministro desenvolvendo e facilitando a execução d'ella, em tudo o que dizia respeito á nova organização judiciaria por meio de regulamentos praticos. A experiencia sancionou esses regulamentos, que ao cabo de vinte e quatro annos subsistem ainda, sem notaveis modificações. Nem é para omittir a energia e decisão com que se houve por occasião dos movimentos revolucionarios, que em 1842 reventaram nas provincias de S. Paulo e Minas-geraes, e que ameaçavam estender-se a outras, se não fossem, como de feito foram, breve e vigorosamente comprimidos.

Se as medidas adoptadas em tal conjunctura tiveram até certo ponto o character de violentas, como entre outras a da deportação de varios cidadãos, reconhecidamente influentes no partido que promovera e favorecia a revolta, o procedimento do illustre ministro justifica-se pela lei da necessidade, e pela gravidade das circumstancias em que o governo se via collocado.

O ministerio de 23 de março caiu em 20 de janeiro de 1843 para dar lugar a outro, organizado pelo chefe da maioria parlamentar, o senador Carneiro Leão, depois marquez de Paraná. Para elle entrou o sr. Paulino em 8 de junho seguinte, ficando encarregado da pasta dos negocios estrangeiros. No curto periodo em que fez parte d'esse gabinete, podem apenas mencionar-se por mais notaveis algumas discussões vigorosas que teve de sustentar com a legação britannica em assumptos relativos á extincção do trafico da escravatura.

Saindo do poder com todos os seus collegas em 2 de fevereiro de 1844, passou como deputado a sentar-se nos bancos da opposição para combater decididamente os actos do novo governo, representante do partido adverso áquelle em que sempre militara.

Pretendia o novo gabinete nada menos que anniquilar de todo a influencia do partido em que o anterior se apoiava. E

com effeito, dissolvida a camara dos deputados, de tal modo se houve que conseguiu excluir-o quasi completamente do novo parlamento. Ficou esse partido reduzido a contar na nova camara seis ou sete deputados, que formaram o grupo conhecido pela denominação significativa e chistosa — da *patrulha*! O sr. Paulino, que estivera por muitos annos na posse não interrompida de ser sempre pela provincia o mais votado, com excepção de uma vez, que ficara em segundo lugar, apenas obteve d'esta a custo o de segundo supplente! Fallecendo porém entretanto o conego Januario, e passando para o senado o marquez de Caxias, que era o primeiro supplente, veio a tomar assento na camara em 1846 como deputado do numero. Ahi se enfileirou novamente na opposição, e com ella sustentou o seu posto até o fim da legislatura, sendo reeleito deputado para a seguinte em 1848.

Como tivesse n'esse mesmo anno completado os quarenta de idade, e se dêsse uma vaga de senador na provincia do Maranhão que habitara na sua infancia, por ella se apresentou candidato. Apesar de achar-se na opposição, foi o seu nome accedido por diversos partidos, e inscripto na lista triplice em primeiro lugar, com maioria consideravel de votos. A escolha imperial não sancionou, comtudo, d'esta vez o suffragio popular: pelo que, occorrendo nova vaga de senador na provincia do Rio de Janeiro, e apresentando-se, obteve ser eleito, e contemplado tambem em primeiro lugar.

Ainda não foi d'esta vez o escolhido. Teve de ceder o passo ao sr. Sousa Mello, então ministro; porém apresentando-se na mesma provincia em 1849, para occupar a cadeira que deixara devoluta o marquez de Maricá, subiu o seu nome, por terceira vez eleito em primeiro lugar, á escolha da corôa, sendo em fim nomeado senador por carta imperial de 31 de março de 1849.

Em 8 de outubro d'esse anno passou a substituir no ministerio organizado em 29 de setembro de 1848, na repartição dos estrangeiros o sr. marquez de Olinda, que circumstancias especiaes tinham levado a requerer a sua exoneração.

Eis-nos chegados á época por ventura a mais importante e gloriosa da vida politica do sr. Paulino. Para melhor apreciar-a, permitta-nos o leitor que substituamos n'este lugar á nossa desalinhada phrase os rasgos eloquentes do distincto escriptor brasiliense, que ha annos traçou para a *Galeria dos brasileiros illus-*

tres os apontamentos biographicos que n'ella acompanham o retrato do sr. visconde.

«Concorreu (diz elle) efficazmente para a destruição do cancro roedor da sociedade brasileira — o commercio infame de carne humana. Seu brilhante discurso, pronunciado na camara dos deputados a 13 de julho de 1850, elevou-o, e collocou o governo do Brasil em uma posição tão nova, quanto nobre e respeitavel. Foi com effeito a primeira vez que se viu esse governo pronunciar-se com tanta decisão e firmeza: e a correspondencia de s. ex.<sup>a</sup> com a legação ingleza, em que se oppõe á arrogancia de uma nação poderosa, que tudo quer levar pela força, a resignação calma e fria da nação fraca, que prefere a extincção ao aviltamento de sua dignidade e de seus brios, é um padrão de gloria para o ministro, para a corôa, e para o paiz.»

Durante o seu ministerio, que d'esta vez se alongou a quatro annos, teve occasião de prestar outros valiosissimos serviços, que a historia não deixará de consignar com a devida justiça nos annaes brasilienses.

O dictador da confederação argentina, de sanguinolenta memoria, D. João Manuel de Rosas, havia-se collocado para com o Brasil na posição mais insolente e ameaçadora. Pedia continuamente ao governo imperial explicações e satisfações por tudo, e até pelas expressões que os deputados proferiam na tribuna parlamentar. Estava a apoderar-se da praça de Monte-Video, occupando já a campanha, por meio do seu apaniguado D. Manuel Oribe, feitura sua, e docil instrumento de suas vontades. Chegara em fim ao ponto de arrojarse de todo a mascara, fazendo declarar a guerra ao Brasil na sala dos seus representantes.

O ministro dos negocios estrangeiros do Brasil, depois de prevenir-se com um tratado de alliança, concluido e conservado secreto por algum tempo, entre o Brasil e o Paraguay, que Rosas tambem ameaçava, promoveu igualmente uma colligação com os estados de Entre-Rios e Corrientes. Consumado o abandono de Monte-Video pela Inglaterra e pela França, penetrou o marquez de Caxias á frente das tropas brasileiras no estado oriental. Desarmado ahi Oribe, unidas as forças do Brasil com as do general Urquiza, vencido gloriosamente o formidavel obstaculo do Tonelero, foi em fim abatido e derribado definitivamente na batalha de Monte-Caseros o poder tyrannico de Rosas, quando se reputava em vespersas de infallivel e plenissimo triumpho. Ficou assim o Brasil desassombrado do seu mais figadal, irreconciliavel e perigoso inimigo.

Por effeito da iniciativa efficaz do illustre ministro, e no seu ministerio se assentaram com os referidos estados de Entre-Rios e Corrientes os convenios de 21 de novembro de 1851; e com as republicas do Peru e Uruguay os tratados de commercio, limites e navegação fluvial de 12 e 23 de setembro do mesmo anno.

E por vir a pello, não julgamos fóra de proposito commemorar aqui de passagem a cordura e prudencia com que em 1852 s. ex.<sup>a</sup> procedeu ácerca de Portugal, por occasião de certa correspondencia diplomatica que de Lisboa lhe expedira o ministro brasileiro n'esta côrte: o qual por um acto, quando menos irreflectido e inconveniente, prestara ao seu governo informações de todo o ponto inexactas, mas que podiam dar de si a perturbação, sequer momentanea, das relações amigaveis subsistentes entre as duas nações. Quebra tanto mais lamentavel, por dar-se entre povos irmãos, em quem a conformidade de interesses commerciaes, e a communidade de origem, de lingua, de dynastia e de fórma de governo devem estreitar cada vez mais os vinculos que os unem. <sup>1</sup>

## VI

Quando em 6 de setembro de 1853 subiu ao poder o novo ministerio, presidido pelo então visconde, e pouco depois Marquez de Paraná, e dominado pela idéa de inaugurar no Brasil uma politica, que havia por base a conciliação, ou melhor, a fusão dos partidos militantes, o sr. Paulino retirando-se com todos os seus collegas, recebeu passados dois dias a nomeação de conselheiro d'estado ordinario, condigna remuneração de tão longos e valiosos serviços.

Em attenção a elles, e como nova demonstração da augusta benevolencia do soberano, S. M. I. houve por bem conferir-lhe em 2 de outubro de 1854 o titulo de visconde do Uruguay com grandeza.

No anno seguinte foi encarregado como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de uma missão especial e dif-

<sup>1</sup> Vid. *Algumas observações ácerca do commercio das carnes ensacadas de Portugal com o Brasil*, opusculo publicado officialmente em Lisboa, na imprensa nacional, 1852, por ordem do governo. Saiu-nos da penna o officio do governo civil de Lisboa de 23 de outubro, que ahí figura de pag. 10 a 16, cuja redacção nos fóra superiormente encarregada: posto que na minuta respectiva (que ainda conservamos) se cortassem depois alguns periodos, que pareceram talvez asperos, ou pungentes em demasia, attenta a deferencia de que aliás se fizera pouco digno o inexacto informador.

ficil, junto á côrte de Napoleão III, proporcionando-se-lhe com isso occasião de provar mais uma vez a intelligencia e patriotismo que o distinguem; posto que esses dotes, e o seu talento diplomatico não conseguissem remover de todo as difficuldades do assumpto, alcançando para o seu paiz uma solução definitiva, e tal como se desejara.

Era o fim d'aquella missão, que o governo francez insistia pertinazmente fosse tratada em Paris, regular de um modo definitivo os limites dos dois imperios na parte em que a Guyana franceza continúa no proposito secular de estender sua posse até á margem esquerda do Amazonas. Reunidos os negociadores, discutiram largamente o ponto, como se vê dos protocolos impressos, que formam um grosso volume, sem poderem contudo acordar-se. Com porfiosa tenacidade presistiu a França na sua antiga pretensão, de determinar os limites por um rio, que não existe, segundo se confirmou pelas ultimas explorações. Tiveram, pois, de separar-se, consignando no protocolo o testemunho da cordialidade reciproca que reinara em seus trabalhos, e a expressão da esperança que conservam de que uma proxima solução haja de determinar de um modo satisfatorio para as duas cortes esta questão, a que ambas com igual empenho desejam ver o fim.

Restituído á capital do Brasil em 1856, o sr. visconde retirou-se da arena dos partidos politicos, limitando-se desde então ao cumprimento dos seus deveres como senador e conselheiro d'estado, aos seus estudos de gabinete, e á educação de seus ultimos filhos, prole do consorcio que em 20 de abril de 1833 contrahira com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna de Macedo Alvares d'Azevedo, e que a providencia abençoara, dando-lhe numerosa successão.

Não se nos affigura que essa especie de abstenção deva considerar-se definitiva, ou que tomasse, por dizel-o assim, o character de resolução irrevogavel. Sem ousarmos penetrar nas causas ou motivos que a determinaram, presentimos contudo que se o bem da patria o requerer, e a confiança do soberano o chamar de novo ao exercicio de mais arduas e laboriosas funcções, sobram ainda no sr. visconde vigor e dedicação bastantes para não declinar qualquer responsabilidade que se lhe offereça; e que retemperadas as forças no descanso, entrará de novo no manejo dos negocios publicos com a mesma energia e destreza de que dera em tantos annos successivas e exuberantes provas.

## VII

No anno de 1862 publicou o sr. visconde, impresso na typographia nacional em dois volumes, o seu «*Ensaio sobre o Direito Administrativo*», com referencia ao estado e instituições peculiares do Brasil. Não conseguimos ver até hoje esta obra, nem seriamos competente para aquilatar-lhe o valor. Sabemos porém, que a imprensa periodica do Brasil se pronunciara a seu respeito em sentidos bem oppostos. Temos presentes artigos encomiasticos, em que a vemos excessivamente elogiada, e outros que a censuram com acrimonioso desdem, accusando-lhe sobre tudo *falta de originalidade*. É-nos licito suppor que nas censuras terá tido parte, não pequena talvez, o espirito partidario, que n'estes casos (como a experiencia nos mostra diariamente) costuma cegar os olhos para as bellezas, deixando-os todavia livres e attentos para ver e engrossar os defeitos. Segundo nos consta, este trabalho do sr. visconde não passa de ser o preludio de outro, mais positivo, mais amplo, e adaptado á resolução pratica de importantes problemas governativos, para o qual s. ex.<sup>a</sup> tem reunido desde muito voluminosos materiaes.

Além dos altos cargos e dignidades, a que de principio alludimos, não faltam ao sr. visconde do Uruguay as provas de estima e consideração dos soberanos, manifestações d'alta benevolencia, que em diversos tempos tem recebido como galardão do seu merito. Foi em 1850 condecorado pelo rei de Napoles com a gran-cruz da ordem de S. Januario: em 1852 pelo rei de Dinamarca com a da real ordem do Daneborg, e pelo imperador d'Austria com a da ordem imperial da Corôa de ferro. Ao passar por Lisboa em 1855, conferiu-lhe o sr. D. Pedro v a gran-cruz da ordem de Christo: ultimamente recebeu do sultão a ordem de Medjidié da primeira classe; e de S. M. I. o sr. D. Pedro II a gran-cruz da ordem imperial da Rosa.

É membro honorario e effectivo de varias sociedades e corporações scientificas e litterarias da Europa e da America, de que, por não alongar a escripta, omittimos o catalogo.

Elevado gradualmente por merito e serviços, até occupar os cargos mais eminentes da republica; magistrado incorruptivel; politico sagaz e consciencioso; ministro activo e organisador; conselheiro leal e experimentado; character affavel e bemquisto; cidadão exemplar no tracto e virtudes domesticas; o sr. visconde do Uruguay é pelos que o conhecem

preconizado benemerito da patria, e um dos seus mais pres-  
tantes servidores.

É quanto podemos julgar das informações que obtivemos  
com o cunho de verdadeiras, e fundadas na maior parte em  
documentos authenticos, que temos á vista.

Ellas nos serviram de guias ao traçar esta singela e rapida  
exposição, ácerca do homem que respeitamos sem o ter visto,  
e ao qual nem por beneficio, nem por injuria conhecemos.

Lisboa 12 de março de 1865.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

## A TORRE DERROCADA

(Lenda do mar)



s ruínas derramam sempre não sei que suavíssima melancolia, em quem as contempla, por mais prosaico e amante que seja das coisas hodiernas.

O passado, esse astro tão cheio de bellezas e de encantos, que desaparece a pouco e pouco nas sombras do tempo, exercita em todos uma attracção irresistivel, amavel, uma sympathia por ventura inexplicavel, mas tão forte, tão robusta,

que não ha fugir-lhe. O passado, é o templo meio derrocado das saudades e das illusões, e quem ha ahi que, lembrando-se das velhas lendas, com que o embalam, e dos contos em que a meninice se lhe foi, quem ha ahi, que, avistando esse templo por entre o negrume da vida real, não ajoelhe, e não sinta no peito um vortice encapellado de sentimento purissimo, a desentranhar-se em jorros de poesia nativa, espontanea e singela, como os quebros dos passaros ao despedirem-se do sol, que doura as cumeadas,

dando-lhes o derradeiro osculo de amor. Assim o peregrino mahometano voltando da cidade santa, da Meca a venturosa, se por acazo cruzando já a orla do deserto, e descansando á sombra da palmeira, volve o rosto bronzeado pelo sol e acerta de contemplar ainda a sagrada mesquita, ajoelha, ergue os olhos ao céu, beija o chão tres vezes, e deixa cair na aréa abrazadora uma lagrima saudosa.

O passado é um tumulo no grande cemiterio das edades, e as ruinas são o epitaphio expressivo e plangente que falla aos olhos do corpo e da alma, epitaphio que na sua nudez austera e afflictiva traduz com magica verdade o abandono, a solidão, o amargor, o vilipendio, o desprezo, e milhares de sentimentos infinitamente varios, mas que todos cortam fundo no coração.

No ermo, quando a lua arroja no espaço ondas de luz melancholica e frouxa, quando a brisa de agosto parece soluçar angustiosa nas fendas das pedras, as ruinas são mais do que um epitaphio, são um altar sacrosanto e rude, aonde o poeta, esse sacerdote de tudo o que foi grande no passado, esse evangelista de tudo o que ha de ser bello no futuro, esse druida inspirado e impolluto de todos os seculos, vae sacrificar ás recordações e á saudade.

Se o leitor se compraz com a solidão, se as ruinas lhe lançam n'alma delicias ineffaveis e voluptuosidades austeras, venha commigo, que ouvirá uma lenda dos priscos tempos, dos tempos cavalheirosos, tão diversos dos que vamos atravessando.

O passado esse astro do céu  
 que a belleza e de epheas  
 II  
 despazce o tempo e o tempo

À beira-mar, sobre um rochedo empinado que se ergue a prumo a grande altura, alevanta-se uma torre em ruinas, sentinella muda e impassivel das edades, esphyngue oceanico que a mão implacavel do tempo veio surprehender na sua contemplação muda e passiva.

A torre vae-se derrocando e fendendo a pouco e pouco; cada dia cae-lhe uma pedra dos membros alluidos com o embate das ondas, crestados com o fogo do raio. Dentro em pouco a obra do homem desaparece, e as pedras voltarão para o mar d'onde saíram. Só ficará de pé o rochedo, em quanto as ondas o não levarem tambem aos abysmos do oceano.

Os pescadores costumam accender no alto da torre uma luz tibia e frouxa, que lhes serve de fanal durante as suas excursões costeiras. Aquella luz prece o olho amortecido do ve-

lho gigante, que debalde se debruça á beira das profundezas para interrogar os mysterios, que já não póde ver. De noite, por entre o gemer raivoso das ondas, que se contorcem em ancias de voluptuosidade infernal, se a atmosphera negra e plumbea se desentranha em raios, que fendem as aguas turbidas e allumiam com a sua luz fatidica aquelle quadro medonho, aquella lucta destruidora, e se o vento fustiga com lufadas gélidas o mar e os rochedos, parece que a torre no meio d'aquelle horrido concerto agita-se e de cada gargalhada que solta, cae-lhe uma pedra no abysmo.

A paisagem em volta é selvatica e solitaria. É rara a vegetação; apenas alguns zimbros rachiticos e enfezados se erguem do meio das aréas movediças.

Parece um sitio maldito, e senão foram as ruinas da velha torre, que indicam que houve ali em tempos vida e movimento, ninguem o podéra acreditar.

Ao ver aquella desolação tão núa e tão terrivel, sente-se um terror instinctivo e natural, e os olhos, contemplando aquelle espectáculo, cerram-se involuntariamente, arreceiando-se de alguma visão medonha.

E a torre como que nos attrae, e inclinando para o abysmo os rijos membros de granito, parece acenar-nos mesmo de longe, dizendo-nos que dentro em pouco, sepulta já no oceano, não mais ha de testemunhar que n'aquella solidão houve outr'ora um romance de amor.

Que importa que as velhas ruinas se afundem no mar, se a tradição nos conta esse romance legendario? Ouçamos os pescadores, que vivem mais á terra, em sitio menos ermo e selvatico; ouçamos os pescadores, que ao passarem por defronte da torre, fazem o signal da cruz, e içam as velas em perigo de darem á costa; ouçamos os rudes habitantes da praia, nas longas noites de inverno, quando o mar ruge féro e ameaçador, e vem açoitar a penedia com a sua baba espumosa, como gigante que accorda e cospe raivoso nas guardas do leito informe e branco.

### III

Era no tempo em que os antigos portuguezes, os leões do mar, como lhes chamou Victor Hugo, desfraldavam as santas quinas em todas as regiões do mundo, e espalhavam o renome portuguez pelas boccas dos seus canhões.

O espirito aventureiro arrastava os portuguezes de então; cada anno saiam dos portos de Portugal grandes renques de

galeões, armadas invencíveis, que subjugavam os rajahs da Asia, venciam os selvagens da America, destruíam os terríveis malaios, talavam o Japão, conquistavam a Africa, e operavam gentilezas e feitos, que igualaram as maiores façanhas de todas as idades.

N'esses tempos heroicos Portugal foi um anão que deu o ser a gigantes.

Mergulhava o sol no oceano, tingindo com rubidas cores a orla extrema do horisonte. As vagas agitavam-se convulsas e como que soluçavam abraçando no tumido e espumoso regaço, os rochedos immoveis, como o destino.

No alto da torre, quasi envolta pelo nevoeiro alvacento, que se alevantava do mar em largos novellões, estava uma donzella, linda e scismadora qual ondina gentil.

A brisa crepuscular impregnada das acres fragancias do oceano vinha beijar-lhe as faces, que um raio do sol, acaso mais voluptuoso, ainda acariciava, cercando-as de uma aureola luminosa.

Quem visse a donzella áquella hora de suprema poesia, em que o peito arquejante se dilata na amplidão, desprendendo-se das angustias e dos cuidados terrenos; quem a visse assim á beira-mar, com um pé no abysmo, salpicada pelas ondas, que dobravam o collo niveo, desatando-se depois em alvas catadupas e frocos de neve, como que em signal de adoração e de amor; quem a visse quasi suspensa no espaço, sustentada pelo vento que lhe gemia em volta, qual sultão namorado, tufando-lhe as candidas vestes, cuidara contemplar a feiticeira oceanica, que vivendo em liquido alcaçar no seio das ondas, subira ás regiões superiores para admirar os seus vastos dominios.

Mas não. A donzella vivia na torre; lá nascêra, lá se creára e crescêra, e lá lhe correu a infancia descuidosa no regaço da mãe, que via cada anno medrar a filha em encantos e virtudes.

A velha torre pertencia havia muito a uma nobre familia que ali assentára os lares, por doação regia, com o encargo de vigiar e defender as costas, resguardando-as das invasões dos piratas do mar.

Estava a donzella em contemplação extatica no alto da torre, quando viu ao longe, mas já distincto, o vulto de um galeão, que se dirigia ao porto.

— Minha mãe, ó minha mãe, gritou a donzella erguendo-se

e descendo a ingreme escadaria do observatorio aereo. Ó minha mãe, não vê? não vê o galeão S. Antonio? Lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro, que partindo-se para as Indias, me roubou o coração no seu ultimo adeus? Vamos, vamos, minha mãe. Lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro.

— Que dizes ahí, filha da minha alma? A taes deshoras queres ir ao porto?

— Vamos, vamos minha mãe, vamos em busca do meu coração que D. Alvaro me levou. Quem me dera ser feiticeira para ir por ares e ventos poisar nos mastros do galeão, a contemplar o meu amante! Quem me dera ser serêa para acompanhar o sulco do navio, que leva quem me levou o coração. Vamos, vamos, minha mãe! lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro.

— Ai! filha da minha alma. Vae fria a noite, o vento geme triste nas ondas, e as gaivotas batendo os ares com as azas, soltam gritos de desespero e de angustia. Dançam feiticeiras nas devezas, e as serêas vem á flôr d'agua a espremer os cabellos côr de limo, cegando os marinheiros com o brilho dos olhos. A taes deshoras, minha filha, queres ir ao porto?

— Ah! minha mãe, minha mãe, vou-me em busca do meu coração, que D. Alvaro me levou. Qu'importa que o vento gema? Nos braços do meu amante, que valem vaticinios de desgraça? Se a noite vae fria, tenho no peito o calor da febre, que me escalda. As feiticeiras hão de sorrir, e as serêas hão de invejarme, que D. Alvaro é meu amante. Vamos, vamos, minha mãe lá vem D. Alvaro, o meu querido guerreiro.

— Amanhã, minha filha, quando o sol raiar nas campinas e beijar as cristas das ondas, irás buscar o teu amante. Quem esperou annos, espera uma noite, que insomnias de amor depressa se passam. Ai! quem n'as podéra passar ainda!

— Ah! minha mãe, minha mãe, insomnias de amor são tormentos do inferno. Vamos, vamos, lá vem D. Alvaro o meu querido guerreiro.

— Seja feita a tua vontade, filha. Parte, vae, e traze nos braços gentis o amante, que te levou o coração, que eu fico ajoelhada a rezar á Virgem, por que te livre de ruins presagios.

#### IV

Passaram-se horas e a pobre mãe, ajoelhada diante de um crucifixo, esperava ansiosa pela volta da filha, que se fóra buscar o erradio amante.

Assim a andorinha, que os cuidados maternos obrigaram a

deixar partir o consorte para outros climas, aguarda a volta do bando, e mal o vê despontar ao longe, bate as azas, segue o vôo, e vae adejar em torno do que lhe arrulhára amores na primavera.

Mas quantas vezes vem o cruel destino cravar fundo golpe de saudades dolorosas e sem remedio no coração, para o qual as saudades passadas eram esperanças floridas e prenuncios de futuros amores! Ai! quantas vezes os alvoroços de ventura se tornam em desvalimentos da desgraça e a candida chlamyde da esperança se transforma em crepe de desenganos!

Assim succedeu á malfadada donzella, á formosa Rosalinda, que chegada ao porto, buscando com os olhos, por entre o tumultuar da multidão, o seu querido D. Alvaro, e interrogando os audazes navegadores, soube que o seu amante se havia finado quasi á vista das costas da patria amada, á qual estendêra os braços já hirtos e rigidos, no derradeiro arranco.

Estas palavras soaram aos ouvidos de Rosalinda como se fossem dobre pligente de finados em capellinha do ermo á beiramar. Louca, com o peito arquejante, desatou a correr para a torre, em cujos humbraes a estavam aguardando os carinhos maternos.

—Ó minha mãe, exclamou a donzella com a voz rouca e cavernosa, e com os olhos semi-abertos. Ó minha mãe, morreu-me D. Alvaro, e lá me levou o coração para o fundo do mar.

—Ai! pobre filha, não chores não te amofines, que o teu pobre coração bate ahí n'esse peito, que o amor endoidou, e que o amor ha de curar.

—Eu chorar! Chorem antes as pedras, que Satanaz não quer prantos. Ah! D. Alvaro porque me levaste o coração? Quem me déra ser serêa, que já me deitava ao mar em busca do meu pobre coração, que D. Alvaro me roubou.

—Cala-te ahí, filha, lembra-te que és christã. Se D. Alvaro se finou, Deus lhe falle n'alma, e se amerceie de ti ó minha Rosalinda. Chora, chora, que o coração ninguem t'o roubou.

—Ó minha mãe, quem me déra ser serêa para viver no mar, abraçada com D. Alvaro, que me levou o coração.

## V

Corria negra a noite e o mar erguia as ondas encapelladas, soltando rugidos angustiosos. A lua baça e pallida em vão tentava fender com os raios frouxos as nuvens caliginosas, que toldavam o firmamento.

Rosalinda, com os cabellos em desalinho, que o vento da noite agitava, estava sentada no alto da torre, debruçada sobre o abysmo, cujas aguas revoltas haviam talvez tragado o corpo do aventureiro amante. Encostado o braço ao peitoril e encostada á mão a face, com os olhos fixos e a boca semi-aberta, deixando entrever os dentes eburneos, era a imagem do desespero silencioso, que se entregou ao demonio por se vingar do destino.

Ouviu-se de repente, por entre o bramir das vagas raivosas e o silvar agudo da rajada um grito afflictivo e plangente, que echoou na solidão, como o ultimo gemido do naufrago moribundo. Logo após surgiu do meio das ondas um vulto, sobre que batiam de soslaio os raios da lua, deixando vér um rosto pallido e defecado, arraiado de longos cabellos negros, que desciam humidios pelas costas um pouco alquebradas.

O vulto agitou os braços e erguendo-se no ar, exclamou:

—Ouves? Rosalinda. Eu sou D. Alvaro, que te levou o coração, quando me fui a conquistar glorias e riquezas nos palmares da India, para t'as depôr aos pés. Colheu-me a morte no caminho, quando te via já na penumbra do horisonte. Vem buscar-te, ó Rosalinda, porque és minha, porque só a ti posso dar o coração, que te levei. Vem! vem! ó minha amante. Vem, que o mar é nosso, e o dorso das ondas será o nosso leito nupcial, as estrellas os candelabros, a espuma o travesseiro e a amplidão o nosso imperio. Ó Rosalinda! se souberas como te amo. Qu'importa a morte, se o amor lhe sobrevive?

És tu D. Alvaro? respondeu a donzella. Amar-te, amar-te é meu destino, que se não te amára, já não existira ha muito. Vivo ou não, qu'importa? serás sempre o meu amante, que em levou o coração.

E Rosalinda soltando um grito de alegria, chegou-se á beira da torre, mediu com os olhos o abysmo, e deixando pender o corpo, deitou-se ás ondas, como Sapho, se despenhou do rochedo de Leucate.

Recebeu-a D. Alvaro nos braços, e cubrindo-a de beijos e caricias, começou a nadar a nadar, com um vigor vertiginoso.

As vagas abriam-se para lhes darem passagem, e tornavam-se a cerrar formando catadupas de espuma alvacenta, retinta de sangue.

O mar aplacou-se como por encanto. Dilatava-se ao longe, balouçando-se e alvejando tristemente, como se fôra um manto de gaze tufado pelo vento. Já não rugia em ancias de raiva; já não ennovellava as vagas com furia, para depois arrojear sal-

picos de espuma; já não se rojava delirante, para se erguer depois mais feroz ainda. Não. Era manso e placido; dormia nos braços das sereas que cantam toadas maviosas, e envolvem o corpo gentil com o candido manto das aguas. A onda serena e limpida suspirava na praia, gemia e espreguiçava-se, osculava a arêa docemente, para voltar de novo ao seio mádido.

Suspensa nos braços do amante fluctuava Rosalinda na agua, com as alvas roupagens enfunadas. Caminhavam com immensa rapidez e passados momentos a torre esvaeceu-se no negrume do horisonte. Os rochedos já se lhes não erguíam silenciosos, e quedos. Sumia-se-lhes a terra firme. Iam envoltos na magestosa solidão do mar, cubertos pelos esplendores celestes, quando chegaram a um lago, formado por aguas tranquillias d'um verde-escuro e sem ondas. Viu-se de repente a donzella sósinha, nadando á tona de agua, como se uma força mysteriosa a estivesse alevantando.

Espavorida, com os cabellos hirtos e sentindo um calafrio mortal, exclamou com a voz sumida e tremula, que se repercutiu nas aguas, produzindo um som estrondoso:

— Alvaro! meu Alvaro! Ai! não me deixes sosinha no meio das ondas. Alvaro! dá-me o coração, que me roubaste, e vem depois abraçar-te commigo, que tua sou.

Palavras não eram ditas quando levantou os olhos e viu, boiando ao lume d'agua um cadáver horrivelmente desfigurado, com as carnes a despegarem-se da ossada, que os peixes vorazes vinham tragar, escancarando as enormes bocas bordadas de tres fiadas de dentes alvos e agudos.

A donzella soltou um grito de terror e de angustia, e torcendo as mãos, cerrando os olhos quizera orar a Deus, que a protegesse. Mas o demonio ouvira-lhe as queixas, e ninguém lh'a podia roubar, que já a havia marcado com as garras.

O esqueleto levantou-se então na agua. Brilhavam-lhe os olhos como carvões accezos no craneo; os braços longos e descarnados foram crescendo, crescendo até abarcarem o corpo de Rosalinda, e depois de a contemplar um momento, allumian-do-lhe o rosto com o fogo dos olhos, soltou uma gargalhada horrivel, e desconjuntando os ossos, sumiu-se na voragem, a tempo que ia dizendo:

— Sou eu, sou eu o teu amante!

Depois começaram a surgir monstros marinhos, trazendo as cabeças enormes á superficie da agua e encobrindo os corpos nas profundezas. Os olhos vitreos e humidos, baços e fixos pa-

reciam devorar a maldicta Rosalinda que olhava espantada em redor.

Os monstros conservavam-se mudos mas aproximavam-se mais e mais, apertando o circulo a pouco e pouco, regular e methodicamente, a tempo que dos abysmos surgiam novos cardumes, cada qual de feitio mais asqueroso e repellente. Envolveram enfim completamente Rosalinda, roçando-lhe o corpo mimoso com as escamas frias e duras, como dentes de serra.

Foi então que o demonio, sulcando a amplidão em um carro de fogo, agarrou Rosalinda pelos cabellos, e levantou-a ao ar, arrojou-a depois ás ondas, para além dos monstros, exclamando:

— Vae-tê, serêa, e persegue os nautas com os teus olhos glaucos; prende-os nas tuas tranças còr de limo, e atrae-os com os teus cantares maviosos. Cumpre o teu destino, e viverás eternamente no mar, junto á torre.

Desfez-se o medonho ajuntamento dos monstros, que se afundaram nos abysmos, batendo e chocalhando as aguas com as horrendas caudas.

Desde então a serêa persegue, os nautas, que passam depois do sol posto perto da torre. Ai! do que não fizer o signal da cruz e se demorar n'aquelle sitio amaldiçoado, que será attraído pela serêa, e irá servir de pasto á sua voluptuosidade infernal e á voracidade roaz dos monstros marinhos.<sup>1</sup>

#### A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

<sup>1</sup> Esta lenda ou o que quer que seja não é tão sómente de imaginação, como talvez se podera acreditar á primeira vista.

Eu andava uma tarde divagando pelo Tejo, em companhia de dois amigos, com o fim grandemente sanguinario de darmos uma caça ás gaivotas. Um dos meus cempañheiros, não me lembro já qual delles, por ventura mais feliz ou mais certo, feriu uma pobre gaivota, cujo pescoço foi logo ali torcido por mestre José Maria, o catraeiro, que jurou pelos seus penates comer á tripa forra n'aquella noite, e tirar o ventre das miserias, com um *escabeche* de gaivota.

O catraeiro era homem, que tinha visto o mundo; cruzára o oceano indico, dobrára o cabo da Boa-Esperança e passára o estreito de Magalhães.

Sabia muitas historias, e apraziam-lhe principalmente as lendas do mar, que elle contava com enthusiasmo e veia poetica.

Anouteceu-nos no meio do Tejo; despontou a lua esparzindo os seus raios candidos pelas aguas azuladas e espelhentas. A brisa tepida do estio vinha affagar-nos o rosto, sacudindo de leve a vela que esvoaçava, roçando com as pontas flexiveis na agua e deixando um sulco luminoso e phosphorescente.

Docemente embalados pelo arquejar das ondas, pedimos ao catraeiro, que ia sentado á popa, com o cabo da escota na mão, que nos contasse alguma lenda marítima.

Não se fez rogar; e tendo arredado dos olhos a espessa e crescida grenha que lhe ensombrava o rosto, depois de tossir e de engulir tres fumaças a fio, do curto cachimbo de gesso, contou-nos a lenda, que eu, por minha vez, acabo de contar ao leitor.

Seria agora occasião de pedir indulgencia para o rude catraeiro, que verdadeiro descendente dos velhos portuguezes, começou assim: *No tempo em que este Tejo era um pinheiral de mastros, e em que um bom marinheiro podia atravessar o rio pelas vergas dos navios sem molhar uma unha...*

Mas o catraeiro não se importa com a grei litteraria, e eu, apenas intérprete, não sou responsavel do que por ventura haja de inverosimil ou de demasiado maravilhoso n'esta lenda.

O que todavia é certo, é que as lendas são pouco bastas em Portugal, apezar de havermos sido em tempos o primeiro povo marítimo da Europa, e de ser marinheiro aventureiro o nosso maior poeta.

Se a navegação portugueza, esse ancear gigante e estupendo pelo infinito e pelo desconhecido, teve a sua poesia grandiosa e epica, quasi que lhe faltou a feição legendaria, que as trovas populares se encarregam de transmittir ás gerações porvindouras.

Esta antinomia, que raras vezes se observa, nas edades heroicas dos povos, tem rasoavel explicação nas circumstancias especiaes de Portugal, na dominação de Castella, nos grandes feitos dos Albuquerque e Castros, feitos que retumbavam no mundo pasmado e absor-to, e escureciam as gentilezas e os actos de valor parciaes, que só no remanso da paz e no concheço do lar se rememoram com prazer e dão origem á lenda, a qual lhes dá um sabor sobrenatural e mythico.

A nossa historia porém, diz-nos que após aquellas eras fugazes de brilho e valor, a estrella empallideceu, e as quinas que tremularam em mil combates por todas as regiões do mundo, foram rotas pelas garras do leão de Castella.

Nas tribulações e estreitezas da tyrannia, fôra impossivel encontrar o socego do lar, a conversação amavel e a lembrança dos perigos passados, essenciaes para que a lenda cresça e robusteça, e se espalhe pelo povo. No meio dos cuidados e perseguições do presente esquece o passado.

Esta parece-me a explicação do facto, o qual ia de encontro á concatenação dos phenomenos, unico fundamento da critica natural, estudada na Allemanha, e que hoje tem estendido profundas rai- zes em todas as litteraturas, como bem demonstrou Emile Descha- nel.

**POESIA MYSTICA PORTUGUEZA**



odo pantheista, como é, o mysticismo não podia deixar de ter uma forma poetica. Na via purgativa, pela abnegação, pelo desprezo do mundo, de si, a alma desprende-se do real, aspira á idealidade; na mystica unitiva, depois de sentir a iluminação d'esse ideal que busca, o entusiasmo fal-a esvair-se na harmonia do hymno que entõa, deixa-lhe o vacuo apoz a vertigem, e o tedio da inanição, a indiferença, que os contemplativos descreveram terrivelmente com o nome de *acedia*. A alma, no impulso intimo para o ceu, não póde des-

prender-se do real: é a sensualidade do amor divino. O mystico para exprimir a elevação do espirito, o jubilo interior, a aspiração ardente, materialisa a idéa na imagem, sacrifica a imagem ao symbolo. Assim o lyrismo, todo subjectivo, expressão do sentimento ainda o mais vago e indefinível, é ás vezes frio, monotono, obscuro; e quando é suscitado pela hallucinaçõ

piedosa, toma o caracter da inspiração hymnica, objectiva, onde na essencia permanece a mesma monotonia, pelo tropel de imagens semelhantes que fluctuam em volta de uma mesma idéa. Na fórma, apparece a suavidade, a variedade que seduzem o ouvido. S. Francisco de Assis para falar da sua paixão por Jesus, na odesinha inspirada pelo delirio do amor divino, sem poder determinar o ideal de sentimento tão mavioso, descreve uma lucta, em que se mostra vencido, ferido, abrazado. *In fuoco amor mi mise*. S. João da Cruz na *Noite escura*, para exprimir o mesmo amor purissimo, como póde sentil-o um coração fervoroso, symbolisa a alma, que no silencio do ermo se remonta até Deus, na virgem que desce a escada do lar paterno, na hora mais remota da noite, para vir abraçar o amante que a espera. Nos versos de Santa Thereza de Jesus, sibylla do christianismo, Sapho vertiginosa que se precipita n'um pelago de amor e morre por não poder morrer, ahi é sublime a loucura d'esse amor do ceu; parece ás vezes um amor carnal, insaciavel, que a fatiga. Depois eleva-se nas azas diaphanas do espiritalismo radiante e paira na serenidade do extasis, para receber a grinalda de esposa nas nupcias do Cordeiro.

A poesia mystica portugueza tem um caracter differente. Quem abrir o livro das poesias do mongé austero da Arrabida, Frei Agostinho da Cruz, ou as encontrar dispersas pelos chronicons da sua Ordem, e respirar n'ellas o perfume de melancholia, parecer-lhe-ha sentir a expressão elegiaca de Bernardes: descobre quasi que são irmãos pelo genio e pelo sangue. A um inspira-o a saudade da terra; o outro canta com a nostalgia do empyreo; um atira se ao bulicio do mundo, fascinado pela gloria, e ella desfaz-se-lhe diante dos olhos como uma vã sombra; o outro embrenha-se na soledade, amortalha-se no burel aspero da penitencia, vae cavar longe a sepultura, e deixa escoar-se a vida entre as dores da maceração e do cilicio, na vigilia continua, como a luz vivida de uma alampada nocturna, que se vae consumindo lentamente.

Frei Agostinho da Cruz é o poeta da vida monastica. O desgosto do mundo arrasta-o para o ermo, abnega dos louvores do seculo, muda de nome para ser desconhecido. Os seus canticos escreve-os para consolação dos amigos, como Francisco, o Seraphim de Assis, quando a timidez de Clara o inspirava, e os cantava ao povo pela Italia. É por elles que fala da sua alma; os seus canticos não tem aquella paixão tumultuante e ás vezes quasi sensual das palavras de santa Thereza; a sua alma não delira como a alma de S. João da Cruz, quando busca

pelas selvas o esposo de quem anda transviada. Estes são os poetas do extasis, da voluptuosidade do passamento; Frei Agostinho da Cruz é o poeta da penitencia, cada strophe é um gemido de mortificação. Parece-se bastante com Fray Luiz de Leon, poeta espiritual de Hespanha, em cujas odes religiosas não ha aquella vehemencia, que faz com que a exegese piedosa procure o fervor na exaltação profana. A poesia de Fray Luiz de Leon inspira uma consolação intima, um regosijo inefavel, com a serenidade da alma do cantor. Na ode da *Noite serena* descreve a ancia, a pena que lhe causa a contemplação da noite tepida, estrellada. A alma ancia por desprender-se da prisão do corpo

«que desventura  
La tiene en esta carcel baja, escura?»

e elevar-se na onda sonora das harmonias celestes, para ver das alturas como giram as orbes no espaço, como o carro de Deus percorre ovante a immensidade. A mortificação vem alegral-a, ensinar-lhe a derrubar o carcere que desterra a alma d'aquelles bens. A ode sobre a *Ascensão* é o pranto dos discipulos de Christo ao apartarem-se do mestre. A languidez e falta d'cadencia que Quintana lhe acha é o seu maior merecimento; esse descuido e morbidez é proprio do estado em que fica a alma fatigada da contemplação extatica da lenda evangelica.

Como os mysticos e os poetas fraternizam com a natureza, Frei Agostinho da Cruz reprehende a corça que o visita, como Francisco de Assis reprehende as avesinhas; estreita os laços da amizade com ella, como os solitarios com as feras do dezerto. É n'estes sentimentos que o christianismo se mostra poetico e sublime; elle mesmo ensinava ao povo os dialogos com que havia dirigir-se ás alimarias da terra, como se vê d'esta formula tirada de um manuscrito de Saint-Gal, para reunir um enxame de abelhas. É assim que se devia falar á abelha mestra: «*Adjuro te, mater aviorum, per Deum regem cœlorum, et per illum Redemptorem, filium Dei, te adjuro, ut non te altius levare, nec longe volare, sed quam plus cito potest, ad arborem venire; ibi te allocas cum omni tuo genere, vel cum socia tua, ibi habeo vaso parato, ut vos ibi in Dei nomine laboretis.*»<sup>1</sup>

Este pantheismo caracteriza toda a poesia mystica.

O asceta da Arrabida canta a infancia de Jesus; é o ideal da pobreza, mas sem a melancholia suavissima e humana de Lope

<sup>1</sup> Baluze, Capitul. t. II, pag. 663.

de Vega no dialogo da Virgem quando adormece o Menino.<sup>1</sup> Os seus sonetos tendem para aquelle espiritalismo a que os elevara Camões; cada um d'elles é como uma prece fervorosa. A fórma classica do *bucolismo* não dá realce aos seus dialogos espirituaes. Era o contagio da época. A allegoria da *Alma* e do *Esposo* em S. João da Cruz, é toda biblica; é uma eccloga voluptuosissima que excede por vezes em pompa e esplendor de imagens o luxo oriental da Pastoral de Sulem. Os dialogos da *esposa* fazem lembrar as expressões apaixonadas de santa The-reza; as falas consoladoras do *amado*, as do seu coadjutor na reforma da Ordem carmelitana. As expressões de Hafez não são mais fogosas e sentidas; parece um hymno de algum diwan da Persia, interpretado por um padre da igreja. Apesar d'esta inferioridade, Frei Agostinho da Cruz merece ser estudado, como um dos primeiros, d'entre os nossos poetas, que tentou desprender a poesia do christianismo das ficções do velho d'As-cera.

O mysticismo não podia encontrar uma época mais adequada para as suas elevações do que o seculo xvii; escrevia-se por toda a parte livros de piedade. Os requintes do gongorismo prestavam-se á revelação das finezas do amor divino. Pela descoberta da imprensa os copistas de devoção tornaram-se auctores. A face do mysticismo n'esta época é toda especulativa, como o foi na Eschola de Alexandria. Appareceram as palestras e as thezes dos conventos, os casos, os escrupulos, e quanto o sobreadmiravel Pascal soube cobrir de um ridiculo eterno. Ao lerem-se as poesias espirituaes de Frei Antonio das Chagas, que se encontram no, de arrebicado prolixo, livro do padre Manoel Godinho sobre a vida do veneravel religioso, conhece-se o seculo xvii na poesia e na crença.

O delirio de imagens e sentimentos, ás vezes sublime, que caracteriza a poesia de seiscentos, espande-se nas suas elegias. O *conceito* parece ter nascido da especulação mystica. A Peninsula é a terra do mysticismo; é o genio do Oriente, a exaltação febril da imaginação, que nos ficou, como o aroma de uma urna de alabastro que guardou uma essencia tenuissima. A Alemanha foi a que mais profundamente o desenvolveu desde que vaporizou o dogma na abstracção philosophica. A poesia mystica é o grito da alma absorvida pelo infinito; a poesia espiritual não tem paixão, é mais descriptiva do que lyrica. É o caracter da poesia religiosa portugueza desde o Pontifice S.

<sup>1</sup> Pastores de Belem, lib. III.— Collec. Rivadaneira, vol. xxxviii, p. 273.

Damazo, S. Martinho de Braga, Frei Agostinho da Cruz até S. Francisco Xavier.<sup>1</sup>

Possuido do horror do claustro, para Frei Antonio das Chagas é o habito a mortalha, a cella onde se abriga a sepultura; deprime-se, compara-se ao guzano, que se esconde no tumulto que vai abrindo. Os desyarios de uma mocidade turbulenta passam-lhe pela imaginação, como uma nuvem que tolda um ceu esplendido e aberto. A primeira elegia é uma allusão á sua vida mundana. Ella é o lugar commum da vida de todos os ascetas. O agiographo não cessa de tirar-lhe o horoscopo do nome, para fazer o paralelo com Antão solitario. *Respondent rebus nomina saepe suis* disse Ovidio. Pelos nomes do baptismo se descobre o sentimento mystico da familia na idade media. Em todas as edades religiosas existio este horoscopo, como se vé nas leis de Manu<sup>2</sup>; na idade media era elle frequente, porque a ascese consistia na *imitação*. É o que Dante nos revela n'este terceto:

O padre suo veramente Felice,  
O madre sua veramente Giovana  
Se'nterpretata val como si dice!

O mesmo horoscopo do nome se encontra nas lendas de S. Victor, de S. Vicente, de S. Christovam, de S. Renato. Como Antão, o poeta varatojano ficou na adolescencia orfão de pais; o que S. Jeronymo diz do patriarcha do deserto, o apologista váe applicando a Frei Antonio das Chagas.

As doutrinas mysticas que professava, acham-se nas cartas a suas irmãs tambem religiosas, e nos apophtegias espirituaes. Sobre o primeiro passo da ascese diz o poeta: «os bens d'este mundo falso e enganoso dita é não chegar-os a possuir mais que para os despezar: nem ha para que fazer caso mais que d'aquillo que por Deus se deixa e só por se deixar se estima». Aonde a sua linguagem é conceituosa e equivocada, é na descripção, aliás bella e difficil, do amor divino, e do estado psychico. O amor divino é o ideal de toda a poesia mystica, o sentimento, como diz Hegel, que só determina o absoluto na fórma.

O religioso poeta em tudo encontra imagens para exprimir a saudade do céu. Vendo o sol cantava um hymno, como a

<sup>1</sup> Werfer, no Dicc. Theolog. de Goschler, appresenta o Apostolo das Indias como um dos principaes hymnologos da igreja no seculo xvii.

<sup>2</sup> L. de Manu, p. 32, § 31, 33.

<sup>3</sup> Parais. C. xii; porque Giovana significa *cheia de graça*, e Felice tem o sentido do adjectivo.

*seu irmão Sol* modulava o seraphim de Assis. A terra e o mar, as sombras e a luz, as fontes, os rios, os canticos das aves, motivavam-lhe um pensamento do amor divino. As flores lembram-lhe a brevidade da vida, e ella «que é mais do que uma flor que se murcha! Que é mais do que uma luz que se apaga! E que é mais do que uma sombra que foge, uma figura que desaparece! Como nau que não sente o curso do caminho, que vai fazendo, como setta que em um ponto travessa os pontos a que tira, como ave que um momento penetra os ares que voa. Assim como entre espinhos nasce a rosa, assim entre as afflicções a graça.»

Outras vezes arrebatado na vehemencia d'esse amor, eleva-se na inspiração hymnico-dithyrambica de alguns cantos da igreja; o epitheto converte-se em strophe, é a ladainha. O que a doutrina mystica de Frei Antonio das Chagas tem de pueril e ridiculo mostra-se já nos titulos das suas obras; tinha um pouco d'aquella faculdade inventiva de Escobar, cuja aberração para o *quietismo* inspirou a poesia obscena no seculo xviii.

A quadra de maior luta na vida dos mysticos é a tentação da carne: Francisco, o solitario da Ombria, o novo Jesus da idade media, combatia-a com o gelo e com brazas, Bento e Ignacio com as alagoas, com as silvas, com os flagicios mais atrozes. O diabo escolhia, preferia a apparencia de mulheres lindissimas, na soledade, arrebatadoras de fascinação. Nunca a legenda do diabo foi tão ridicula na igreja como no seculo xvii. No tempo de Dante da philosophia hermetica era o diabo quem vinha descobrir os segredos da alchimia a Basilio Valentino; com os padres discutia pontos de controversia theologica, com uma logica de ferro, que o fazia triumphar quasi sempre.

Platão e Aristoteles continuaram o seu antagonismo na Renascença: um é a alma da scholastica, accende o espirito de polemica que apparece na igreja e nos livros dos doutores; Platão torna o amor o *subjectivo*, o ideal supremo. A Diotyma do *Banquete* transfigura-se na Beatriz da Divina Comedia; são como irmãs gêmeas, remontam-se no mesmo vôo, unidas como o casal de pombas mansas, a que Dante comprara o abraço de Paulo e a filha de Guido de Polenta. As duas escolas combatiam-se, o gibellino quiz reconciliar-as na *Trilogia*. Ahi, o diabo mostra-se com o seu character aristotelico, ergotista. No episodio profundo e nocturno de Bonifacio viii, o quadro mais verdadeiro de quantos nos deixou de si a idade media, S. Francisco, depois da morte do Pontifice vem busca-lo; mas um dos negros cherubins disputa-lhe a posse, retorquindo com uma fi-

nura de argumentação — que se não póde absolver o que se não arrepende, e que se não póde ao mesmo tempo arrepender e querer, porque ha *contradição*. E arrebatou-o comsigo, dizendo enfatuado da sua logica penetrante:

Tu non pensavi, ch'io loico fossi.

O seculo xiv era assim, retratou-o com a sua còr. O seculo xvii, pela lei eterna das antithezes, do ridiculo em que o despeñhara o ascetismo, eleva-o ao fastigio da poesia. Milton tornou-o heroico, fez d'elle um Cromwell. O ideal do diabo, concebido nos mosteiros, capripede, informe, como ainda se vê nos retabulos, na poesia elegiaca de Frei Antonio das Chagas, apparece-nos em um d'esses combates que dava ao espirito do monge:

Bem que me toquem arma o dia inteiro

As memorias do mundo, e n'esse assalto

Os raios chovam do infernal morteiro:

Nunca na fonte da paciencia falto,

Por ver que aqui franqueio e contramino

Quanto ser possa da alma sobresalto.

Mas se no risco d'este horror continuo

Adrede tarda o celestial socorro

Lá na estrada encoberta do destino;

Do entendimento á cidadella corro,

Onde, bem que o combate não declina,

Não logo n'elle me esmoreço e morro.

Antes por defender-me na ruina

Faço arnez do burel, elmo o capello,

Malha o cilicio, espada a disciplina.

E val-me tanto d'esta gloria o zelo

Que logo aquella furia formidavel

Co's celestes auxilios atropello.»

As elegias de Frei Antonio das Chagas, umas vezes sublimes de sentimento, outras manchadas de equiyocos, levam-nos a fazer uma idéa mais justa da poesia d'essa época, tanto tempo despresada e escarnecida pelos espiritos pautados nos canones

aristotelicos e tropeços horacianos. A novidade de imagens, o arrojado das metaphoras denotam sempre uma actividade intellectual. Aqui o poeta mystico, vai, penitente, chorar as magoas nas covas dos seus olhos. *Ubique daemon!* foi o *ecco* que restituiu pelo vacuo do mundo quando os deuses se foram. Por isso em tudo ha uma tentação para o poeta religioso, que tem um amor escondido com a natureza e receia e abnega a final d'esse amor; um ribeiro que desliza entre flores, compara-o, inspirado pela idéa da tentação, a um *aspide de prata*. «*Anguis in herba.*»

Corrido, apupado do vulgo, o cantor sublime da *Mater dolorosa*, devorado por uma agonia intima, errava pelas ruas, como doudo, para soffrer todos os sarcasmos; um dia, quando aspirava a paz do claustro, e as portas se fechavam repellindo-o, foi a poesia, a irmã dos tristes, que veio rehabilitar-o, revelar o sentimento recondito, celeste, de que estava possuido. É tambem a poesia que faz com que se estudem estas subtilidades da theologia affectiva; na arte moderna ainda se descobrem alguns lampejos da inspiração mystica, principalmente nas creações do sr. Alexandre Herculano. O vulto magestoso de *Eurico*, que escreve na vigilia dolorosa do presbyterio de Cartea os hymnos de amor que vão ser cantados pelas cathedraes, o amor do céu luctando por apagar no coração do presbytero a chamma mal extincta d'uma paixão terrestre, a ruina da patria e a corrupção do seculo provocando o tedio da vida e o gosto da solidão, eis a epopea mystica da igreja militante. A degolação das virgens do mosteiro *Christi curae columbellae*, os canticos fervorosos, e a alegria com que pedem a morte ante o furor sensual dos sarracenos, encerram todo o perfume da poesia legendar; o *Eurico* é a revelação profunda da poesia sagrada dos godos. Orencio, Draconcio, Merobaude inspiram-se como *Eurico* do mesmo ideal do christianismo.

[ No *Monge de Cister*, que typo angelico como o de Frei Lourenço o bacharel! que unção suavissima de amor na voz com que falla á alma transviada de Vasco: «Vamos, Frei Vasco, em que scismas? Ha mais de meia hora que levas os olhos pregados na corrente do rio, ergue-os para o céu, vê como está formoso, imagem do empyreo onde mora aquelle que só te póde dar, que só te ha dado consolação e esperança.» Frei Lourenço e Frei Vasco; um cançado do estudo e da vigilia remontando-se ao céu na irradiação do amor divino, o outro enredado nos limos da terra, vivendo da febre do odio, sem poder abnegar do sentimento da honra, sem poder acordar de um pezadello de vingança. É o abraço da poesia mystica e cavalheiresca.

A litteratura portugueza, se os livros da religião poderem formar exclusivamente uma litteratura, tem um elemento mystico predominante. A Peninsula foi a que mais produziu n'estas abstracções sublis que nos foram preparando a Metaphysica moderna.

Creado no mundo semitico, o christianismo só se tornou a religião da humanidade depois de absorvido e desenvolvido pelas raças arianas, profundamente poeticas e sentimentaes. O mysticismo christão é um pressentimento dos velhos poemas da India; o *Bagavad-Gita* e a *Imitação de Christo* ensinam a mesma escala para a elevação divina. Entre os padres da Egreja e os poetas illuminados do Oriente não havia por certo um élo da tradição que fizesse convergir o pensamento sobre o mesmo ponto; a contemplação pantheista foi despertada pela identidade dos caracteres que constituem a raça.

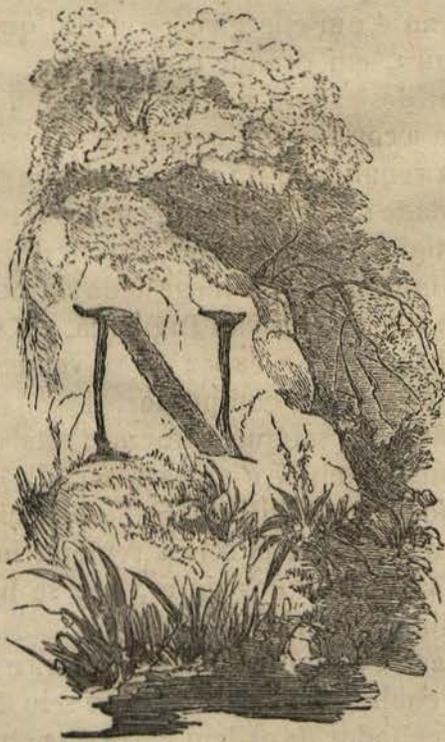
THEOPHILO BRAGA.



# HISTORIA DE JULIO CEZAR

POR NAPOLEÃO III

(1.º Volume.)



as magestosas salas do palacio de Versailles, ouvindo o ruido da agua, que jorrava das urnas das naiades dos jardins, contemplando em torno de si as maravilhas do pincel de Lebrun, aspirando com delicias o perfume de incenso, que essas magnificencias exhalavam, escutando o murmurio universal da lisonjaria cortezã, que lhe dizia: «És grande», Luiz XIV, o monarcha por direito divino, o neto de S. Luiz, a incarnação viva do despotismo, acceito pela rotina, sancionado pelas tradições, legalisado pela intelligencia, Luiz XIV, o sym-

bolo perfeito da velha realesa, escrevia o panegyrico de Cesar.

Tres seculos depois, nas salas do palacio das Tulherias, Napoleão III, soberano pelo voto popular, imperante, cuja ambula de Reims é a urna do suffragio universal, tira do tinteiro mo-

narchico a penna de Luiz XIV, e escreve o panegyrico do conquistador das Gallias.

Que prestigio exerce então este grande nome sobre os despotas intelligentes, para que se julguem obrigados a curvarem o joelho perante elle, e a tomarem-no, para assim dizermos, como o padroeiro do despotismo, o orago do templo do poder illimitado?

É porque, se ha circumstancias em que se possa desculpar que um paiz entregue nas mãos de um só homem a soberania sem fiscalisação e sem limites, foram de certo aquellas em que a toga republicana se transformou, nos hombros de Cesar, na purpura do dictador. É porque o despotismo, deslumbrando os povos com a facil justificação da dictadura do rival de Pompeu, julga sancionar por essa fórma o principio em que se esteia o seu poder. O mesmo succederia agora com o heróe de Marengo, se as bombas de Cadoudal prestassem á sua gloria o mesmo serviço, que o punhal de Brutus prestou á fama do vencedor de Pharsalia. Para sanar os males produzidos pelas grandes convulsões sociaes, o despotismo é um energico remedio, que, tomado em pequena dose, cura, em grande dose, mata.

Quando Cesar appareceu, desfazia-se em pó a republica romana. Campejava descarada a corrupção; calcavam-se aos pés os direitos mais sagrados; pela venalidade do voto prostituia o povo a sua soberania, pela venalidade nas transacções com os reis prostituia o senado o seu prestigio. Seculos antes, ao sair de Roma, Cinéas levava a indelevel impressão da magestade da curia e da magnanimidade da aristocracia, e agora Jugurtha, ao voltar as costas á rainha do Tibre, julgava-a capaz de se vender a si propria em hasta publica, se achasse comprador.

As dissensões civis inundam de sangue a meza d'esta orgia; o mundo subjugado ruge surdamente, e ameaça sacudir o dominio da cidade eterna. No Oriente Mithridates, no Occidente Sertorio! E lá ao longe, no fundo das selvas septemtrionaes, vêem-se luzir vagamente as pupillas dos tigres, que se não-de chamar, seculos depois, Attila e Alarico.

É então que surge Cesar a um tempo estadista, orador, e guerreiro. Integro no meio da venalidade, democrata no seio d'uma oligarchia desenfreada, respeitador da ordem entre essa chusma de rufiões tumultuarios. O defensor dos direitos das provincias, o vencedor de Vercingétorix, o homem que arvorara a bandeira immaculada em torno da qual se podiam reunir todos os bons cidadãos, não tinha direito a que lhe fossem confiados os destinos da republica? Quem o duvida?

E comtudo é essa a base em que Napoleão III assenta, no seu prologo, a sua theoria da necessidade do despotismo, é esse o principio d'onde elle deduz que os homens superiores têm uma missão divina, que são elles que realisam em alguns annos a obra, para que aliás não bastariam muitos seculos, e que os povos não têm direito de pôr impedimentos á marcha triumphal d'estes homens, que arrastam para a felicidade as nações esmagadas pelas rodas do seu carro ovante, e que as atiram com os pulsos bem roxeados, com os olhos bem vendados, com as carnes bem ulceradas, para dentro dos muros do paraizo do porvir.

E os povos não têm direito de perguntar a esses homens para onde vão! O dever do povo é derramar o seu sangue na estrada por onde o levam, deixar-se guiar cégamente, e cantar *o triumphe!* A estrella protectora, visivel só para esses reis magos, lá brilha no céu! Ávante! A columna de fogo, que esses Moysés conhecem, fulgura no firmamento! Ávante!

O que! pelos serros da Hespanha, calcando aos pés o direito das gentes, pizando todos os principios sagrados, e deixando montões de cadaveres em cada palmo de terreno! Ávante! O que! retalhando, sem o minimo pretexto, o territorio de uma nação heroica, assolando as campinas portuguezas, mergulhando na desgraça completa agricultores pacificos, purpureando as aguas do Douro, do Tejo e do Mondego! Ávante! O que! paralyando o commercio, roubando a todos os povos as mais inquestionaveis regalias! Ávante! O que! sepultando nos gelos da Russia uma geração inteira cheia de juventude e ardor! Ávante! Deixem passar o missionario de Deus!

Os homens superiores, diz o escriptor imperial, fazem percorrer aos povos n'alguns annos o caminho que percorreriam só em muitos seculos, se estas mãos vigorosas os não impellissem! Orgulho insensato que a historia desmentel! Louco orgulho de quem julga ter nas mãos a vara mysteriosa, cujo magico poder solta ou contém as torrentes do espirito humano! Que podem fazer Cesar e Augusto, continuador da sua obra, senão susterem um instante nos hombros, Atlantes vigorosos, o mundo romano prestes a alluir-se? O que póde fazer Napoleão senão restabelecer a ordem no chaos republicano, e deixar que dêem fructo em segurança as arvores do novo regimen, plantadas pela iniciativa creadora da assembléa constituinte?

«Crucificam os seus Messias,» diz o imperador fallando dos povos, que se não curvam docilmente á vontade suprema dos despotas reformadores. E n'essa simples frase lavrou a condemnação do seu proprio systema! Os Messias não se sentam no throno dos

Augustos, não se rodeiam de cohortes, não põem a mordaca na boca d'aquelles, a quem desejam regenerar. Os Messias não expulsam do templo senão os vendilhões, e ouvem serenamente a controversia dos proprios phariseus. Os Messias não erguem o seu pulpito sobre cadaveres. Os Messias convencem, não obrigam. Os Messias semeiam a boa nova no espirito dos seus apóstolos, e, attrahidos a pouco e pouco pela força invencível da verdade, os povos vão-se-lhes agrupando em roda; as perseguições redobram o seu ardor, o seu sangue derramado fecunda a planta viçosa da santa doutrina, e a idéa vai-se propagando, vai conquistando adeptos, até que irrompe, alluindo os vãos altares dos idolos, abalando os thronos, soltando ao vento os lábaros sagrados. Tranzigem com ella os Constantinos para conservarem os solios; nada podem contra ella os Julianos, ainda que se queiram impôr ás nações, como os Messias do paganismo, ainda que ergam templos a Jupiter e digam: «Aqui, aqui é que está a salvação!»

«Crucificam os seus Messias!» Mentirá a historia por acaso, e serão Messias os que se inquietavam tanto com as prédicas de Jesus, os que degolavam S. João Baptista, os que prendiam os apóstolos? Napoleão III enganou-se. É natural que quizesse dizer: «Crucificam os seus Herodes.»

Pois que! as nações não poderão gosar os beneficios de um governo forte, sem abdicarem, nas mãos de quem o exerce, a sua dignidade, e os seus direitos? Será sempre remedio inevitavel para a anarchia o despotismo? Nunca se conseguirá curar um paiz de uma congestão cerebral senão cortando-lhe a cabeça? Sempre o chamado partido ordeiro, o partido dos egoistas, dos que sacrificam liberdade, direitos, e deveres, e, o que é peor ainda, o legado das gerações futuras ao medo d'esses terriveis abalos sociaes, que se chamam revoluções: sempre esse partido ha-de conseguir nomear um procurador, que se encarregue de pôr o pé no peito de um paiz, e de o reduzir d'este modo á tranquillidade? Nunca essa grande maioria terá animo sufficiente para comprimir por si só os agitadores, e ha-de sempre querer livrar-se d'esse trabalho encommendando um despota, que se encarregue de tratar d'esses negocios, mediante a modica recompensa d'um poder absoluto?

A historia não curará esse partido fatal, e não lhe mostrará os Neros e o Caligulas receberem as heranças dos Cesares, as desgraças de 1814 e 1815 succedendo á idade d'ouro de 1802? A liberdade não será constituida em morgado, e não será prohibido aos usufructuarios o alienal-a?

Não vêem esses regalões, que saboreiam voluptuosamente as doçuras da prospera indolencia, que estão gosando actualmente os fructos das arvores plantadas por essa esplendida geração de 1830? Não lhes ensinaram já os quinze annos da Restauração que o espirito dos povos é uma planta que necessita de ar, e dos raios beneficos do sol da liberdade, e que se atrophia nas estufas do despotismo? Quando se sumiu nas ondas do Oceano o astro esplendido do primeiro imperio, que legado de luz deixou á França e á humanidade? Que conquista preciosa se inscreveu no livro d'ouro dos annaes do progresso; em que contribuíram esses ajudantes de campo para outra gloria, que não fosse a gloria das armas?

Quando desabou o colosso, o anjo da humanidade, que parára um instante, com o rosto inundado de lagrimas, a contemplar esse esplendido obstaculo, despregou as azas candidas, e rasgou de novo as regiões do espaço.

Não sentem agora tambem esse affrouxar da vida, esse desmaiar do espirito, que se traduz pelas pulsações da litteratura? Onde estão os successores dos Hugos e dos Lamartines? Aos grandes genios seguem-se os *beaux-esprits*, indicio constante de decadencia. Os poetas são os Augier, os dramaturgos os Sardou, About os romancistas. É pouco!

Triste do rei, triste do povo que abdica a soberania! Quando um paiz morre voluntariamente para a vida politica, raras vezes resurge, sem que um grande cataclysmo o desperte d'esse somno fatal! Apesar de toda a corrupção, de toda a decadencia, de todo o esphacelamento das instituições romanas, a republica existe, e ergue-se altiva quando um grande homem appella para as tradições e para o brio dos filhos de Romulo. Mas apenas o povo da cidade-eterna se deixa inebriar pelo licor com que o despotismo o tenta e o affrouxa, volta contra si mesmo a frase fatal que proferira outr'ora. *Delenda Roma*, podemos exclamar. Cincoenta annos depois do segundo Brutus, não havia um homem na grande cidade, que recalcitrasse contra o dominio de Tiberio!

Eis a influencia *salutar* do governo, aliás tão benefico, d'Octavio!

Depois de Tiberio, Claudio, Caligula, Nero, Commodo calcam aos pés a moribunda lóba do Tibre. Os Titos, os Nervas os Trajanos são inuteis para a regeneração da senhora do mundo. O despotismo não regenera, ainda quando tende só a fazer o bem dos povos. Póde erguer as instituições, não aviventar os espiritos. Os Pygmaliões do imperio podem cinzelar

no marmore bruto, que lhes obedece, estatuas admiraveis, mas para o resto seriam vãs as suas tentativas, só a liberdade possue o fogo sagrado, que anima as Galathéas, e as faz descer do pedestal.

Não se tem sentado grandes homens no throno despotico da Russia? Pedro I e Catharina II não foram vigorosos iniciadores, reformadores de grandes idéas? Não tinha o primeiro energia bastante para fazer sair do nada uma esplendida cidade, como Napoleão III conseguiu fazer brotar da velha Paris a luxuosa capital moderna? E comtudo ouse alguém dizer que esse colosso tem dado grandes passos no caminho da verdadeira civilisação, ouse alguém dizer que a patria dos assassinos da Polonia, a terra onde os proprios servos não acceitam a liberdade, porque nem teem a consciencia de que são homens, a terra onde o knout impera, onde o funccionalismo se roja nas lamas do mais descarado peculato, ouse alguém dizer que essa terra não está atraz e muito atraz de todas as nações europeas.

E comtudo porque ha-de succeder assim? Serão os russos de uma outra tempera do que os inglezes por exemplo, e os progressos que estes podem fazer não o poderão fazer aquelles? Não; é porque a influencia fatal do despotismo embrutece o espirito, atrophia a intelligencia, mata moralmente os povos.

O mais esplendido panorama de prosperidade, pintado pelo despotismo, tem sempre um negro reverso. Sabe agora o mundo illustrado de quantas lagrimas do povo, de quantas amarguras das classes pobres, de quantas miserias emfim se compunham em França os esplendores, as grandezas, as opulencias do seculo de Luiz XIV. O extenuamento da França, que no tempo da republica se desentranhava em batalhões para repellir o estrangeiro que pisava o solo sagrado da patria, e que em 1814 cruzou os braços e esperou a decisão da lucta, estendendo até em parte as mãos aos cossacos brutaes que a calcavam aos pés, revelou claramente qual fôra o preço doloroso porque se haviam comprado Austerlitz e Wagram. Apesar da habilidade financeira de Fould, saberemos dentro em pouco por quanto pagam os povos francezes o throno americano de Maximiliano d'Austria.

Sim; os despotas teem de Deus uma grande missão, a missão que incumbiu a Attila. O despotismo é o castigo inevitavel que recebem os povos, que abusam da liberdade, ou que a não sabem aproveitar. O estabelecimento do imperio na Roma antiga foi a justa punição dos desvarios das ultimas eras da republica. Na sala de sanguinolenta orgia, onde tripudiavam os Balthaza-

res de 93, podiam-se ver lampear as letras de fogo, que annunciavam a subida ao throno de Napoleão. O segundo imperio era inevitavel, logo que nas ruas de Paris começou a rugir a inqualificavel, a absurda, a dispartada revolução de 1848. Se ao menos os povos aproveitassem estas lições, se os agitadores ambiciosos ou insensatos encontrassem na porção illustrada de um paiz a resistencia, que poria um freio aos tumultos, e tornaria impossiveis estas perniciosas reacções!...

Pois esta ultima lição foi severa! Uma minoria impaciente, saindo do caminho da legalidade, e querendo tambem que em dezoito annos se realisasse um progresso, que leva seculos a cumprir, deu origem ás maiores desgraças! Possuidora da liberdade, revolucionou-se para a obter! Senhora da urna, ergue a bandeira para a conquistar! Exige uma reforma eleitoral, que dê ás massas desillustradas o direito de governarem! Essa reforma, que devia vir a pouco e pouco, e á medida que as luzes se fossem derramando, quer obtel-a n'um impeto! Obteve-a, glorie-se d'isso! *Hosanna!* Está a França livre! Coroémos de loiros o nosso filho querido, o suffragio universal!... E o suffragio universal escarra-lhes na cara a proclamação do imperio!

Foi bem feito! Utopistas de boa ou de má fé ahi tendes a vossa obra! Como o urso da fabula de Lafontaine, para matar-des uma mosca, que importunava a França, déstes-lhes com um tijolo na cabeça! Santa gente!

E que mosca era essa? A vaidade, a eterna vaidade do povo francez, o desejo de uma gloria vã, a ufania de poder commetter na Europa quantas injustiças lhe aprouver, o desejo de ter, em vez de uma politica moderada, uma politica dominadora! o anhelos de transformar o simples bombardeamento de S. João d'Ulloa na expedição gloriosa do marechal Forey! Ahi tendes a mosca que importunava a França, ahi tendes o motivo da impopularidade do governo de Luiz Philippe.

Que importa que a França, guiada por esse governo esclarecido, desenvolva tranquillamente a sua industria, a sua agricultura, o seu commercio? Que importa que lhe faça dar esses passos rapidos no caminha do progresso, de que o actual governo se apropria como beneficio de inventario? Que importa que a exposiçáo de Paris de 1855 revele ao mundo a prosperidade, cujos elementos foram fundados pelo regimen liberal? Que importa que Luiz Philippe, modelo do pai de familias, se veja rodeado de filhos intelligentes, e magnanimos, penhores da futura liberdade? Que importa que a conquista de

Alger sirva para formar esse exercito, que Napoleão tambem ha de aproveitar para as maravilhas da Criméa e da Italia? Que importa que a marinha se desenvolva debaixo dos auspicios do esclarecidissimo principe de Joinville? Que importa que a França, pelo desenvolvimento livre e sem restricções da litteratura e da sciencia, conquiste no mundo a soberania dos espiritos, soberania, que ainda não perdeu, apesar da esterilidade actual? Que importa que todos os grandes melhoramentos fossem então apprehendidos, e que sempre se tenha de fallar n'essa época, quando se escrever a historia do progresso moderno? Que importa tudo isso? Um côro de corlezãos ha de applaudir, d'aqui a pouco as palavras do prologo da «*Historia de Julio Cezar.*»: «O governo despotico dos grandes homens faz com que os povos percorram em alguns annos o caminho de seculos.»

Ah! quantos males não produzem a pusillanimidade do partido ordeiro, e a pernicioso agitação de certos utopistas!

É grande, parece-nos, o merecimento litterario da *Historia de Julio Cezar*. O estylo forte, conciso, e lucido sem ser esplendido, lembra os grandes modelos romanos. Narração clara, e ampla. Talvez o espirito investigador, e um tanto sceptico da moderna escola historica, ache que Napoleão III acceita com demasiada condescendencia os factos narrados pelos historiadores antigos. Effectivamente a *Vida de Julio Cezar* parece ser uma optima narração historica, não um estudo historico; é verdade que, terminando o primeiro volume na partida de Julio Cezar para as Gallias, ainda não entrou verdadeiramente no seu assumpto, e está ainda, para assim dizermos, no vestibulo da vida politica do seu heróe. A maior parte do volume é consagrada a um esboço rapido da historia romana antes da apparição do celebre dictator.

Esse esboço, é, como dissemos, uma optima narração, e, como tal, o seu principal merito consiste na lucidissima exposição dos factos. O capitulo, que descreve a bacia do Mediterraneo, no tempo em que principiou a primeira guerra punica, revela uma grande erudição, e uma grande habilidade em gravar no espirito dos leitores a noção do que lhes expõe. Erudição ha immensa, effectivamente, e parece que ao imperador não é extranha eousa alguma do que se tem escripto ácerca da antiguidade desde Festus e Strabão, até Mommsen e Duruy. Novidade nas apreciações não a ha, senão no que diz respeito a Cezar.

Ahi o panegyrico toma as proporções de um sermão em louvor de Santo Antonio. O herege do Suetonio é tão fustigado, como o foi *Progresso* de Lyão. Se Suetonio vivesse no nosso tempo,

aconselhava-lhe caridosamente que fosse para Guernesey. Cezar tem a immaculada pureza de vistas de um Messias. Se instarem muito com o imperador, proclama-o Filho de Deus. Cezar não tinha nada de ambicioso, era o bem publico e só o bem publico quem o inspirava. Se, quando o dictador foi assassinado, Marco Antonio tivesse conhecimento d'esta obra, em vez de se cançar a improvisar um discurso sobre o cadaver de Cezar, lia um capitulo d'ella.

Cezar era o representante puro da democracia, e foi a democracia quem com elle subio ao poder. É isso incontestavel, e todos os Cezares têm affagado a multidão para subirem ao throno, como os cavalleiros affagam os corceis antes de montarem em cima d'elles.

Cezar não se queria fazer eleger rei, e, diz o imperador com certa ingenuidade, para que o havia de querer? não era elle maior do que todos os reis? É essa uma grande verdade; tambem o general Bonaparte, o salvador da França, o heroe das Pyramides, o domador da anarchia, era bem maior do que todos os reis, e comtudo não pôde resistir á tentação da corôa, ás seducções do solio, e o grande general transformou-se no despotico imperador.

Tambem o presidente da republica, Luiz Napoleão, podia ser maior do que todos os reis, se....

Estes grandes homens realmente não são comprehendidos pelo mundo! Ha gente tão insensata que os accusa de ambiciosos, que se lembra de dizer que Cezar aspirava ao fim, a que attingiram os Augustos, e os Napoleões! Loucos!

Felizmente, creio que será infructifera a empreza de Napoleão III em proclamar os grandes homens superiores ás fraquezas da humanidade! Creio que o prologo da *Historia de Julio Cezar* não consolidará o seu poder! Como obra litteraria ha de ser bem acolhida pelo mundo pensador; mas não creio que consiga fins politicos, se é que os tem. Os argumentos do despotismo são os batalhões, a sua rasão de ser a pusillanimidade das maiorias! Os grandes povos são sempre maiores do que os grandes homens! Roma é maior do que Cezar, a França é maior do que Napoleão! Contra essa utopia da missão divina ha de se revoltar sempre o sentimento indelevel da dignidade humana.

Lisboa 30 de Março de 1865.

M. PINHEIRO CHAGAS.

## ANJO DA GUARDA (?)

A. M. P.

Mãe!... que nome! que ternura  
tão doce palavra encerra!  
Ai! que não ha sobre a terra  
d'amor expressão mais pura!

Que desalinho d'extremo!  
que meiga sollicitude!  
que avareza e lida rude!  
que zelo santo e supremo!

Deos e mãe fazem um só  
no carinho protector,  
que do perigo, mal ou dôr  
escuda o filho no dó.

Ai! d'aquelle que privado  
foi do baptismo divino  
do materno, peregrino,  
fremente e casto cuidado!

Sosinho no êrmo da vida,  
orfão da benção do céo,

não pode correr o véo  
que lh'enlucta a alma abatida.

Sente a falta indefinível  
d'uma sonhada caricia;  
scisma na vaga delicia  
de seus anhelos ao nível.

Passa estranho n'este mundo,  
levando a cruz da saudade.  
Tem o cunho da orfandade  
impresso no olhar profundo.

Severa e nobre ergue a fronte  
ao céo, na mudez da noite:  
roga a Deos que a dôr lhe acôite,  
ou lhe illumine horisonte.

E o scintillar d'uma estrella  
de sobresalto o estremece;  
pois a cura lhe parece  
do que soffre existir n'ella.

Cái de joelhos no chão,  
ergue a prece á luz d'espr'ança....  
mas vê sorrir-lhe a bonança....  
ai! n'outra vida... aqui, não!

.....

D'amarguras n'este val,  
um poeta assim vivia  
na agreste melancolia  
d'uma lacuna fatal.

Mas d'esta dor immensa condoido,  
a Deos apraz valer ao desgraçado;  
e da tortura o lugubre gemido  
vae tornar-lhe de jubilo n'um brado.

Da doçura entre os anjos, um extrema  
de maga seducção que á terra manda.

«Vai (lhe diz o senhor), e que não gema  
«o triste em soledade tão infanda.»

Aos pés do Eterno prostra-se a belleza  
immaculada, esplendida, radiante.  
Derramam-se os perfumes da riqueza  
virginal do sorriso deslumbrante.

«Deixai que me abençõe a mãe, e um beijo  
«o seu amor aos olhos meus transmita.»  
Elle pede, annue Deos; e o bemfazejo,  
No espaço, anjo de luz se precipita.

Dos celestes rosaes, subtil desliza,  
metheóro offuscante, a solta flor,  
em sulco diamantino; astro d'amor...  
que em fórma de mulher a terra pisa.

.....  
Que mulher! que ideal puro!  
que bello, encantado vulto!  
Accende espontaneo culto  
no peito mais frio e duro.

Nos olhos a esp'rança brilha  
innundada em suavidade;  
dos labios brota a bondade  
do céo no riso da filha.

De jaspe elastico, vivo,  
sublime estatua gentil  
d'austero e suave perfil,  
é d'alto enleio incentivo.

De ondulações na elegancia  
lembra o cysne voluptuoso;  
no gésto meigo e donoso  
a graça ingenua da infancia.

.....  
Solitario, absorto em mágoa,

submerso em funda atonia,  
o pobre martyr gemia,  
sem tregoa á crua fragoa.

Quando, subito, o anjo encara  
no esplendor do seu prestigio.  
Surpresa de um tal prestigio,  
no peito a vida lhe pára.

Pallido, trépido, anciado,  
sai do torpor do desmaio  
rendido ao languido raio  
da luz que o deixa abismado.

«Quem és tu, ó divindade?»  
— balbucia, e cai-lhe aos pés. —  
«O meu assombro não vês?  
«d'este abalo tem piedade!

Impregnado o olhar divino  
do amor do beijo materno,  
d'electrico impulso terno,  
dóe-lhe ao anjo o desatino.

Dos cabellos no perfume  
banha-lhe a fronte abrasada.  
Conforta-lhe a alma exaltada  
Do sorriso em doce lume.

«Venho do céo, não sabias?»  
— diz-lhe a fada misteriosa. —  
«Venho do céo, pressurosa,  
«trazer-te paz e alegrias.»

«Mandou-me Deos, e eu contente  
«venho fazer-te feliz.  
«E pois que assim Deos o quiz...  
«ama-me docil e crente.

«Trago-te um beijo celeste  
«de tua mãe martyr santa.  
«E se é mimo que te encanta...  
«toma-o... pensa que lh'o déste.

Do cristal ou da harpa aérea  
 não teem os sons a pureza;  
 nem do ambar a chamma accêsa  
 o aroma da voz etherea.

Do magnetismo na vaga  
 em languidez opulenta,  
 elle embalde fallar tenta —  
 que a delicia a voz lhe apaga.

Doce pranto só responde  
 á protecção seductora.  
 Rosto, e lagrimas que chora  
 da bella no seio esconde.

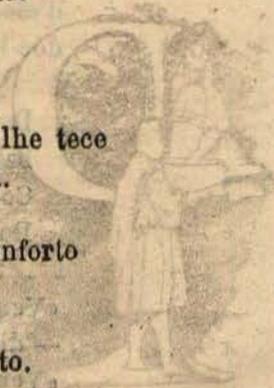
.....

Rasgou-se o véo de lucto que toldava  
 o atribulado espirito do poeta.  
 Da paixão lhe dilue candente a lava  
 o frescor da ventura que ora enceta.

Engolfado em arrobos de poesia,  
 solidão, infortunio, tudo esquece;  
 que a vida amena e suave o anjo lhe tece  
 de flores e carinho que o inebria.

De mãe, de irman, de filha, de conforto  
 sollicito lhe serve, firme auxilio  
 nas duras estreitezas d'este exilio  
 em que d'alma o vigor era já morto.

C. PEREIRA.



## CHRONICA DO MEZ



rincipiou! a primavera. A seiva ignota que a mocidade do anno vae fazer circular nas veias das plantas, irradia tambem as almas ao presentirem a estação em que a terra se expande e offerece os germens todos que contém!

Um dia chegará, ai de nós! em que já nem as flôres nem os jubilos do entrar da primavera nos accordem a felicidade. O sol

hade parecer-nos pallido, as rosas sem cheiro, o céu azul sem encanto, as mulheres bonitas sem seducção, o trinar dos passaros sem poesia, e despida de prestigio a natureza verdejante! A primavera deve ser horrivel para os velhos. Ter uma pessoa o sentimento de que já não é para si que o anno remoça e que o tempo concede a sua estação festiva! Conservar o collete de flanella, recolher cedo, e insultar o firmamento limpido indo ao quintal depois de jantar com o barrete na cabeça! Fugir de Cintra e ter medo das suas brisas ao cair das tardes! Retirar das toiradas ao quinto boi, para não esfriar! Ter medo de sair de uma sala depois do chá, e jogar a junho o epigramma de ir para a rua de lenço na bocca! Pedir a meia

voz n'um botequim: «capilé quebrado da friura!» Estar velho em pleno estio! *Alas, poor Jorik!*

Para tudo ser, o mez da primavera este anno trouxe um cortejo de festas, o annuncio de uma companhia de *zarzuela* para o Circo Price, e tres touradas dos Carmonas! Os Carmonas! Ceus e terra, quem foi o entrevado que não voou frenetico e ansioso a observar d'esta vez ainda quanta destresa, quanta coragem, quanta arte é precisa para haver conquistado a fama de *el gordito!*

A praça em todas as tres toiradas, apesar do vento que foi terrivel, ganhou a phisionomia tumultuosa que lhe fica bem; a turba precipitou-se em correntes e encheu até as trincheiras falsas! Ninguém chegava ao seu logar sem se estribar nas mãos, nos pés, e nos cotovelos; não estava a praça cheia, estava acuculada! O aspecto geral era magnifico. Uma liberdade inquieta e nervosa: tudo a falar, tudo a gritar, tudo a apostrophar o gado na segunda corrida, e a victoriar os bandarilleros, todos a esmagarem-se no furor da concorrência com o maior desdem pelas leis phisicas, que mandam que o continente seja maior que o contendo. O *gordito* tem, como sabem, azas nos pés, e é mais agil nas pernas do que a serpente na lingua. O que elle fez ao toiro, na ultima das tres corridas principalmente, é uma maravilha que não se reffere. Illudiu-o, captivou-o, prostou-o, fel-o cair mil vezes nos artificios da sua astucia, e quando o viu mais raivoso, mais implacavel que nunca, poz-lhe o chapéu n'um dos paus, estendeu-lhe a mão como quem a offerece gentilmente a uma senhora, puchou-lhe para o lado uma farpa que parecia incommodal-o, e passou com uma graça extrema por diante mesmo d'elle como occultando-se-lhe sem lhe fugir. D'outras vezes, esperou o indolente para fazer o *cambio*, e quando o toiro chegou, furtou-lhe o corpo, mettu-lhe as farpas, e ficou em pé n'uma attitude elegante! De outras vezes ainda, depois de capear de frente, embuçou-se com o melhor *salero* e capeou de costas até fatigar o toiro e o deixar tonto, para o affagar, para lhe batter, para brincar com elle, para o transformar n'um gato manso com o qual uma creança brinca, para se sentar em frente d'elle, a dois passos d'elle, com uma garrafa de cerveja n'uma das mãos e um copo na outra, fazer saltar a rolha, offerecer-lhe do seu copo, e beber á sua saude!

Os toiros deante d'este *bandarillero* inimitavel, que é o primeiro da Hespanha, como que perdem a furia, pasmados de que o homem possa tirar tal partido de creaturas que habitam com elle este planeta terraqueo, e que a intelligencia lhes alcance tão illimitado poder! Veem que perdem com elle o tempo e a raiva, e no seu estado de submissão parecem ter o desejo de se lhe associarem e tornarem-se companheiros perpetuos d'esse moço, que é para elles um

objecto de pasmo e de preocupação. O rellampago da idéa que brilha no olhar do Carmona, fascina-os e entontece-os; a sua vontade seria de entrarem em comunicação com elle e pedirem-lhe a graça de completar-lhe o instincto. É a idéa de uma existencia superior que os agita e seduz! Quereriam ter como o *gordito* um jaleco de chamma de prata n'uma tarde, e um jaleco de chamma de oiro na outra; quereriam parecer-se com elle, pensarem como elle, sorrirem como elle: o Carmona produz nos toiros o effeito que os deuses nos produziriam a nós, se tivessem o capricho de descerem á terra!...

Essas tardes de festa constituiram a alegria do mez, assim como o *Propheta* em S. Carlos constituiu a maior tristeza d'elle. A falta de ensaios e o estado de doença dos dois principaes artistas fez da grande opera de Meyerbeer um charivari monstruoso. O beneficio de Madame Volpini veio logo felizmente como um sorriso de bonança depois das tempestades d'essa recita. Houve corôas, *bouquets*, poesias, pombos, com uma prodigalidade que recco rdou as melhores ovações do theatro lyrico. Quem fez tudo isso? É o que não conseguiu saber-se ainda. Ha grandes obras que não são feitos de um homem mas de um povo. As pyramides do Egyto são anonymas. A ovação a Madame Volpini, tambem. Em todo o caso, rasgo de um admirador solitario ou de um publico inteiro, o caso é que essas demonstrações de enthusiasmo encontraram ecco nos applausos de toda a platéa, principalmente quando Madame Volpini nos cantou depois de uma valsa de Stralbosk uma canção andaluza e nos deixou admirar entre os seus recursos de grande cantôra a sua graça de hespanhola. Foi um delirio!

As rebecas de Mesdemoiselles Clauss vieram tambem alegrar este mez. São duas gentis donzellas, uma de dezeseis, outra de dezoito annos, as meninas Clauss, e as suas phisionomias completam o talento das suas rebecas,—encantadoras. Os jornaes citam-as como allemãs, mas parece que ellas fazem mais gosto em serem francezas, porque dos seus proprios labios ouvi dizerem-se parisienses. Seu pae é allemão, mas sua mãe é franceza, e ellas nasceram em Paris: se esta é a verdade, são ellas francezas ... áparte o pae. A rebeca é sempre um instrumento um pouco fantastico: no braço de uma mulher mais fantastico ainda. Tudo que diz respeito a este instrumento tem o quer que seja de mysterioso. A epocha da sua invenção é duvidosa, e se consultarmos os eruditos que se teem occupado da historia dos instrumentos de musica, não conseguiremos ficar sabendo se ella é de origem hespanhola, allemã, ou franceza; parece que a mais antiga rebeca de que ha noticia era uma rebeca fabricada por um allemão e com data de 1400; outros querem que até da Hespanha lhe venha o nome e que as primeiras rebecas se chamavam em Franca *vio-*

lon de *biolone* hespanhol; algumas velhas partituras italianas designam-o com o nome de *piccolo violino alla francese*. Vão lá adivinhar!

No primeiro concerto que deram, o publico estranhou, no primeiro momento, o espectáculo verdadeiramente novo de duas meninas formosas e elegantes de rebeca ao hombro, mas o talento das graciosas artistas alcançou desde as primeiras notas a estima de todo o publico; teem alma, teem inspiração, teem eschola,—e, sejamos peritos!—teem mão d'arco. Ó Eva, ó ideal da mulher, quanto tu estás longe de nós e de tudo isto, tu que não tocaste rebeca, tu que não tinhas mão d'arco!

JULIO CEZAR MACHADO.

